



Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

1º Semestre 2019

Ciclo I ⇨ Fernando Bustamante

Ciclo II ⇨ Juliana Dantas Rodrigues

Ciclo III ⇨ Marinalva Euzébio

Ciclo IV ⇨ Alba Celiza Nunes Pismel

Ciclo V ⇨ André Ryoki Inoue

Ciclo VI ⇨ Nathalia Botura de Paula Brennecke

Índice

Ciclo I

Fernando Bustamante

CRISE, MAL-ESTAR SOCIAL E VIOLÊNCIA: INSTRUMENTALIZAÇÃO POLÍTICA DA PULSÃO DE MORTE E DA MORAL SEXUAL03

Ciclo II

Juliana Dantas Rodrigues

SOBREVIVENDO NO INFERNO, A BÍBLIA DOS MANOS, CHEGA Á UNIVERSIDADE14

Ciclo III

Marinalva Euzébio

CONFLITOS PSÍQUICOS DESPERTADOS NA UTILIZAÇÃO DA REDE E SEUS APLICATIVOS22

Ciclo IV

Alba Celiza Nunes Pismel

NÃO EXISTE RAZÃO PARA INVEJAR AQUILO QUE, SEM TÊ-LO, NÃO CORRERIA O RISCO DE SER DESEJADO30

Ciclo V

André Ryoki Inoue

SOBRE O VÔO DA BORBOLETA ESPETADA NA CORTIÇA36

Ciclo VI

Nathalia Botura de Paula Brennecke

SAUDADE: A JORNADA ENTRE O LUTO E A ESPERANÇA. PSICANÁLISE E LÍRICA DA AUSENCIA43

1º Semestre 2019

Ciclo I

Aluno: Fernando Bustamante

Título: CRISE, MAL-ESTAR SOCIAL E VIOLÊNCIA: INSTRUMENTALIZAÇÃO POLÍTICA DA PULSÃO DE MORTE E DA MORAL SEXUAL

Conflito e dualidade em Freud: pulsões e recalque; indivíduo e sociedade

Na obra de Freud, o conflito entre forças antagônicas ocupa um lugar central. Conflitos psíquicos no seio do indivíduo marcam a fundação da psicanálise, quando Freud se dá conta que o jogo de forças entre pulsões, o seu recalque e o retorno do reprimido estão na base do adoecimento neurótico. “A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. É a parte mais essencial dela (...)”. (FREUD, 1914, p. 10), dizia em 1914.

A dualidade e o conflito se expressam em cada passo da construção teórica freudiana. Isso se verifica em outro elemento da teoria psicanalítica no qual a dualidade é a marca indelével: a teoria das pulsões. Divididas, a princípio, entre pulsões sexuais e de autoconservação, reformuladas como pulsões do eu e pulsões objetais, depois encontram nova configuração na dualidade entre as pulsões de Eros e Thanatos, ou pulsões libidinais – conjunto que passa a englobar os dois grupos anteriormente opostos – e as pulsões de morte, que visam o retorno ao estado inorgânico, e abrangem a destrutividade e agressividade. Essas dualidades se apresentam como conflitos psíquicos, mas se encontram em sua origem intimamente ligadas à relação do eu com o outro, ou seja, da inserção do sujeito no tecido social. Freud explicita isso ao dizer que

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode nos parecer muito significativa, perde muito de sua nitidez ao ser examinada mais a fundo. É verdade que a psicologia individual está orientada para o ser humano singular e investiga os caminhos pelos quais ele busca alcançar a satisfação de suas

moções de impulso, só que ao fazê-lo, apenas raramente, sob determinadas condições excepcionais, ela desconsidera as relações desse indivíduo com outros. Na vida psíquica do indivíduo, o outro entra em consideração de maneira bem regular como modelo, objeto, ajudante e adversário, e, por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo psicologia social nesse sentido ampliado, porém inteiramente legítimo”. (FREUD, 1921, p. 35)

Assim, é recorrente na obra de Freud a constatação de que os conflitos psíquicos são fruto da expressão internalizada dos conflitos entre o outro/sociedade e o indivíduo. O conflito, na primeira dualidade pulsional, está ligado ao embate entre o princípio do prazer, na realização das pulsões sexuais, e o choque com a necessidade de sobrevivência, manifesta nas pulsões de autoconservação e que expressam o princípio de realidade.

A repressão das pulsões como base da vida social

Em 1908, Freud coloca grande ênfase no conflito entre a moral social e possibilidade de realização das pulsões sexuais, discutindo isso no texto “moral sexual civilizada e doença nervosa moderna”. Ali, aparecem dois aspectos fundamentais da visão de Freud sobre o tema: em primeiro lugar, de que a repressão sexual é a base da civilização, pois é o recalque daquelas pulsões que entram em conflito com a realidade externa que permite o convívio de acordo com as regras coletivas e, portanto, a vida “harmoniosa” em grandes grupos. Por outro lado, Freud chama a atenção para a forma como os exageros dessa repressão originam a neurose. A concepção de que as pulsões sofrem repressão e recalque sob o peso da moral – que depois ganharia sua representação psíquica no conceito do Super-eu – é desenvolvida plenamente em “Totem e Tabu”, em 1913, texto que também coloca como peça central dessa repressão a castração e o Complexo de Édipo, defendidos por Freud como universais. Em 1920, em “Além do princípio do prazer”, estende a teoria para abarcar as pulsões de morte. Em 1930, com “O mal-estar na civilização”, Freud leva a fundo os temas do conflito entre indivíduo e sociedade.

Nesse texto, Freud dá novamente grande ênfase à repressão sexual, denunciando seus excessos:

A escolha de objeto do indivíduo sexualmente maduro é reduzida ao sexo oposto, a maioria das satisfações extragenitais é interdita como perversão. A exigência, expressa em tais proibições, de uma vida sexual uniforme para todos, ignora as desigualdades na constituição sexual inata e adquirida dos seres humanos, priva um número considerável deles do prazer sexual e se torna, assim, a fonte de grave injustiça.

(...) o que permanece isento de proscrição, o amor genital heterossexual, é ainda prejudicado pelas limitações da legitimidade e da monogamia. A civilização atual dá a entender que só quer permitir relações sexuais baseadas na união indissolúvel entre um homem e uma mulher, que não lhe agrada a sexualidade como fonte de prazer autônoma e que está disposta a tolerá-la somente como fonte, até agora insubstituível, de multiplicação dos seres humanos. (FREUD, 1930, p. 68-69)

E agrega um julgamento categórico a essa moral: “isso, naturalmente, é algo extremo. Sabe-se que demonstrou ser inexecutável mesmo por breves períodos”.

A essa questão, talvez se possa objetar que a severidade da moral sexual já não é a mesma de 88 anos atrás. Mas percebemos a permanência desses valores, por exemplo, em uma recente declaração do Papa: “O corpo humano não é um instrumento de prazer, mas sim o lugar de nosso chamado ao amor, e no amor autêntico não há lugar para luxúria” (apud GLASS, 2018). Na mesma ocasião, o mais importante líder religioso do mundo afirmou que a forma elementar do matrimônio é o casamento heterossexual, que respeita a “polaridade masculina e feminina”. Ou seja, *ipsis litteris* a moral denunciada por Freud como inexecutável há quase um século.

Não parece casual que essa instituição, que visa regulamentar do modo mais estrito, repressor e normativo a vida sexual de seus fiéis, seja a fonte recorrente de casos de abuso sexual contra crianças, a ponto de o papa ter que assumir e pedir desculpas publicamente (PIMENTEL, 2018) por milhares e milhares de casos ao redor do mundo, envolvendo todos os níveis da hierarquia eclesiástica. É, ao mesmo tempo, uma brutal confirmação da constatação de Freud sobre a impossibilidade de levar esse programa adiante, mas também da hipocrisia dessa moral e da convivência de suas transgressões¹. Cabe notar, nesse exemplo, que o retorno do reprimido na forma de agressão sexual a crianças não é apenas um exemplo de que a norma “se contorna” de forma hipócrita, mas que ela se torna o fermentador de uma sexualidade violenta e perversa, que toma um outro vulnerável como objeto sexual à revelia.

Freud também aponta a necessidade de reprimir a pulsão de morte dirigida ao outro, ou seja, a agressividade: “A existência desse pendor à agressão, que podemos sentir em nós mesmos e justificadamente pressupor nos demais, é o fator que perturba nossa relação com o próximo e obriga a civilização a seus grandes dispêndios” (FREUD, 1930, p. 77).

¹ No mesmo trecho, Freud diz: “A sociedade civilizada [no caso citado, as cúpulas das igrejas] viu-se obrigada a fechar os olhos para muitas transgressões que, segundo suas normas, deveria punir”.

O delicado balanço entre renúncia pulsional e harmonia social

É simples pressupor que, quanto maiores forem os ganhos individuais que cada um percebe na vida em sociedade, tanto mais factível será sua renúncia pulsional em nome da coesão social. O princípio de realidade dita ao indivíduo, que tem a segurança de sua existência assegurada pelo grupo, que se esforce para sobrepujar a satisfação de seu princípio de prazer imediato, ligado às pulsões sexuais ou agressivas.

Se, portanto, nos encontramos em um momento de crise social, em que o grupo não se mostra capaz de garantir nossa existência como antes, a coesão desse tecido e do equilíbrio dessa renúncia individual em nome do coletivo começa a ser questionada. Nas palavras de Freud, “(...) as relações mútuas entre os homens são profundamente influenciadas pela medida de satisfação dos impulsos possibilitada pelos bens existentes” (FREUD, 1927, p. 22).

Vivemos em uma sociedade de classes, em que os bens existentes e, portanto, a possibilidade de satisfação pulsional é desigual aos indivíduos (sem falar na manipulação das pulsões e as transformações de “necessidades” que se alteram de acordo com os padrões sociais existentes). Contudo, momentos de prosperidade podem garantir o mínimo para que a coesão social se mantenha, contanto que a percepção de que “a vida vai melhorar” seja um horizonte constante. Os pais muitas vezes estão dispostos a maiores e mais duras renúncias se vislumbram a perspectiva de que seus filhos tenham uma vida com menos renúncias, projetando na próxima geração uma satisfação da qual abdicam – transferem para seus filhos, como uma projeção narcísica de si mesmos, a realização que almejam. Assim, o Brasil manteve um equilíbrio e uma relativa “paz social” ao longo do último período, e, não à toa, identificando a gradual melhora de vida à atuação de um líder carismático – que, como desenvolve Freud, cumpre papel análogo ao pai na vida psíquica das massas –, com uma expressiva parcela da população vendo a volta de Lula como perspectiva de saída para a crise.

Ao falar das renúncias impostas pela vida em sociedade, Freud diz:

Quanto às limitações que se aplicam apenas a classes determinadas da sociedade, nos deparamos com condições graves e também jamais ignoradas. É de se esperar que essas classes desfavorecidas invejem as vantagens das privilegiadas e façam de tudo para se livrar de seu próprio acréscimo de privações. Quando isso não for possível, uma medida constante de descontentamento se imporá dentro dessa cultura, o que pode levar a rebeliões perigosas. Se, porém, uma cultura não conseguiu ir além do ponto de que a satisfação de certo número de seus membros tenha como pressuposto a opressão de outros, talvez a maioria – e esse é o caso de todas as culturas atuais –, é compreensível

que esses oprimidos desenvolvam uma hostilidade intensa contra a cultura que por meio de seu trabalho eles mesmos possibilitam, mas de cujos bens lhes cabe uma cota muito pequena. (...) Não é preciso dizer que uma cultura que deixa insatisfeito um número tão grande de membros e os incita à rebelião não tem perspectivas de se conservar perpetuamente, nem o merece. (FREUD, 1927, p. 29-30)

Assim, podemos concluir que, quanto mais aguçada a crise, e quanto mais os efeitos dela se sintam sobre os ombros dos mais pobres, maior será o nível de esgarçamento social, e menor a disposição à renúncia pulsional. Abre-se um cenário de descontentamento social em que, se não é apresentado nenhum projeto coletivo e social capaz de projetar uma recompensa a uma renúncia que é maior a cada dia, haverá uma predisposição maior à manifestação das pulsões individuais se sobrepondo às renúncias feitas em nome do coletivo.

Crise social no Brasil e a reorganização da repressão no jogo político

É nesse contexto que um projeto político de características muito particulares, e de um discurso muito distinto do que até então se colocava como o “acordo mínimo” social, se tornou massivo no Brasil: o “bolsonarismo”. Para discuti-lo, recorreremos a definições que Vladimir Safatle aponta como características do fascismo (SAFATLE, 2018).²

Em primeiro lugar, aponta o “culto à violência”. Diz ele:

trata-se de acreditar que a impotência da vida ordinária e da espoliação, ela vai ser vencida através da força individual, daqueles que, enfim, teriam o direito de sair armados (...) de falar o que quiser sem se preocupar com aquilo que eles chamam de ‘ditadura do politicamente correto’.

Ou seja, frente a uma percepção social de que a renúncia à agressividade vem sendo paga com a agressão – por meio de assaltos, desemprego, corrupção estatal ou outro tipo de violência – o que o líder autoriza é a libertação de minha agressividade individual. Na livre expressão desta eu posso retomar, por minhas próprias forças – mas com a legitimação do Estado – o “meu direito” aviltado. É, na perspectiva civilizacional colocada por Freud, um claro retrocesso, em que o “direito individual” se impõe pela força. Como afirma Safatle, “o fascismo, nesse sentido, oferece uma certa forma de liberdade”; liberdade de não reprimir minha

² Apesar de não considerarmos o governo de Bolsonaro como “fascista” por não atender às condições sociais que engendraram essa forma política particular nas primeiras décadas do século XX, essa é uma discussão que extrapola os limites desse trabalho. Utilizamos a fala de Safatle para debater as características de seu projeto político conforme nos parece pertinente.

agressividade pulsional. É a “liberação da violência por aqueles que não aguentam mais ser violentados”.

Contudo, a liberação dessa agressão abrange um escopo que é conjugado com o acréscimo da repressão sexual ao “desviante”, que terá também uso político. O discurso e a mobilização afetiva que dão coesão a uma massa, como aponta Freud, exigem sempre a hostilização de um inimigo, cuja existência, ao mesmo tempo em que dá o sentido de unidade ao grupo, é visto como uma ameaça à coesão deste.

Aqui, um discurso repetido à exaustão transformou em “inimigos” certos grupos sociais. Em primeiro lugar, cria-se um inimigo responsável pela situação de miséria: com diversos atores, e vindo desde 2015 sendo elaborado nos distintos níveis de comunicação de massas – televisões e jornais por um lado, e redes sociais por outro – se estabeleceu como o culpado por todos os males o PT, seus governos, seus simpatizantes. A força do discurso deriva não apenas de sua repetição incessante, mas de tomar elementos da realidade – os escândalos de corrupção nas estatais, por exemplo – para se forjar sobre eles uma narrativa muito mais abrangente que sustenta o ódio, peça fundamental para dar contornos e coesão ao grupo, cujo propósito passa a ser se opor aos “petistas” e “esquerdistas”. Aqui, também, é fundamental a identificação de qualquer membro não pertencente ao grupo bolsonarista como pertencente ao “outro grupo”. Isso garante não apenas a coesão do grupo, mas a anulação da validade do discurso do outro. Essa simplificação da consolidação de um “nós” versus um “eles” é fundamental para ver os dois grupos como uma massa homogênea, dando-lhe uma consistência imaginária – no sentido de Lacan – aumentando a identificação do grupo ao qual se pertence e a impenetrabilidade a argumentos que possam interferir em sua coesão. Desta forma, enunciadores tão díspares quanto Folha de S. Paulo, The Economist, Miriam Leitão, Francis Fukuyama e até Marine Le Pen são taxados como “esquerdistas”³.

Pelo lado da repressão sexual, o apoio ao acréscimo da agressividade e a legitimação da violência se baseou em sólidos tabus, atribuindo ao “outro” tudo o que seja hostil às normas morais do grupo: da homossexualidade, transgeneridade e feminismo, à pedofilia e o incesto⁴.

³ Expressivamente, após o bolsonarismo ser colocado no governo e, conseqüentemente, mostrar suas alas e fissuras internas, a primeira reação hostil de um setor bolsonarista contra o outro (Olavo de Carvalho contra Mourão) foi a de tentar identificá-lo a valores atribuídos ao “outro” imaginário, o “inimigo”. Disse o “guru”: “Por que, durante a campanha, o general Mourão jamais mostrou sua verdadeira face de desarmamentista, de adepto do abortismo, de protetor de comunistas, de inimigo visceral do bolsonarismo, de amante da mídia inimiga? Ele fingiu-se de companheiro fiel até chegar ao cargo” (TRINDADE; MONTEIRO, 2019).

⁴ A imensa influência que isso teve nas eleições pode se vislumbrar por meio de pesquisa que afirma que 83,7% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram na sua versão sobre o “kit-gay” que circulou nas redes. (REVISTA FÓRUM, 2018). Outra pesquisa aponta esse número como 36% do eleitorado total, enquanto 15% disseram acreditar que Haddad defendeu o incesto em um livro de sua autoria. (EL PAIS, 2018).

Para tornar mais virulenta a reação, atribui-se ao grupo antagônico o propósito de “doutrinar as crianças” a se enquadrarem nas condutas sexuais desviantes, o que os coloca como ameaçadores dos valores morais – que passam a ser os pilares do mito de uma ordem capaz de trazer novamente a harmonia e coesão social. A violência contra esses grupos é legitimada, o que é visto como a proteção frente à uma “ameaça moral”. O medo das próprias pulsões sexuais recalcadas também é expresso como ódio, e, assim, instrumentalizado politicamente.

Sobre isso, Safatle argumenta que “Essa insensibilidade [em relação à violência com grupos vulneráveis] expressa um desejo inconfesso de que as estruturas de visibilidade da vida social não sejam alteradas”, ou seja, que a “gramática do visível” mantenha de fora, como não reconhecido, não dito, impossibilitado de existir, todo aquele que foge à norma repressiva ditada por essa moral. Daí que diga inclusive que qualquer identidade dissonante é uma “invenção”, como está implicado no conceito de “ideologia de gênero”; ou que as crianças tornam-se gays ou trans por serem “doutrinadas”, e não por seu desejo.

Trata-se, em primeiro lugar, frente à insegurança do desemprego, da falta de direitos sociais, da instabilidade social, de dar ao medo a resposta de um “retorno a um pai protetor”, sob a forma de um líder pretensamente forte, severo e “incorruptível”; isso responde também ao medo que a mudança trazida pela “erosão dos valores tradicionais” traz. A simbologia criada aí gera uma coesão entre o grupo, e uma ilusão de proteção sob a direção do líder. Garantida a coesão em torno do medo, e da promessa de redenção frente à situação de insegurança, a manipulação é muito mais fácil, e sua crença na agressividade dirigida aos grupos “culpados” pode ser estimulada. É um jogo com a tendência social paranoica que surge da situação de instabilidade, mas que é reforçada e instrumentalizada por esse discurso político no qual a “nossa” identidade ameaçada encontra um inimigo responsável por sua desagregação, e que deve, portanto, ser destruído.

Também se vê como “aceitável” abrir mão da liberdade e da responsabilidade por seu destino diante da tutela do líder, que tomará as decisões. É uma infantilização semelhante à descrita por Freud nas religiões. É pela manipulação dos afetos, muito mais do que por qualquer argumento, que se obtém o efeito político desejado. Assim, também se obtém o efeito de “blindagem” contra qualquer argumentação oposta.

Politicamente, o que garante a adesão de massa a essa ideologia, é a canalização da revolta latente com o atual estado de coisas. O bolsonarismo não poderia ser criado artificialmente, e duas pré-condições histórico-sociais são a base para sua ascensão como “porta-voz” dessa revolta: a crise econômica e a traição dos que antes eram vistos como os representantes políticos dessa massa. É no caldo de cultura do ódio ao PT – ainda que, como

apontamos, a figura paterna de Lula se mantenha fortemente preservada em meio a essa erosão – e da desagregação do tecido social, do medo, do desemprego, da violência, que surge essa revolta. E, como aponta Safatle, trata-se da “colonização do desejo anti-institucional pela própria ordem”. A revolta contra as instituições de um regime político no qual a população não se vê representada, paradoxalmente é capitalizada pela crença de que um governo forte, autoritário e supostamente “livre e independente” (como dizia a propaganda) vai restaurar a “ordem” por meio de uma “liderança acima da lei”, que pode expressar livremente aquilo que não pode ser dito. Aquilo, também, que “eu queria dizer mas que é vetado pela Lei”.

Assim, como aponta Safatle, é importante que o líder seja “cômico”, uma “mistura de militar e palhaço de circo”, pois assim suas proposições podem “circular com baixa fricção”, como “brincadeiras” (Freud fala, sobre o chiste, que mensagens que não seriam toleradas pela censura podem circular sob a proteção da “piada”). Mas “o que é real e o que é bravata” fica a critério de cada um: se eu for gay, posso dizer que sua homofobia é “bravata”. Mas só o líder sabe até onde está disposto a concretizar seu discurso – ainda que, é claro, isso dependa de outros poderes reais que estão em jogo.

Desde que a primeira versão deste trabalho foi escrita, ainda antes da eleição de Bolsonaro, diversos eventos corroboraram sua perspectiva. Entre os muitos casos, podemos citar o da empresária Elaine Perez Caparroz, de 55 anos, que foi espancada por quatro horas por Vinícius Batista Serra, de 27 anos, após um encontro que marcaram pela internet. O agressor diz ter tido um “surto” e não se lembrar do ocorrido (LEMOS; BARBON, 2019). O caso é uma expressão que ganhou visibilidade de um processo de aumento da violência misógina cujo alcance ainda está por se ver. Na primeira semana de 2019 foram registrados 21 feminicídios e 11 tentativas (PINA, 2019); até o dia 4 de fevereiro, eram 126 mortes e 67 tentativas registradas (BOND, 2019). Outro exemplo de “liberação” dessas pulsões agressivas legitimadas pelas mudanças sociais é o massacre na escola de Suzano com 10 vítimas fatais até o momento. Após o fato, diversos outros casos de jovens planejando ações semelhantes vieram à tona: em Pontalina (GO) (ADOLESCENTE, 2019), Bom Jesus de Goiás (GO) (CAVALCANTI, 2019), Porto Alegre (RS) (GROSS, 2019), Rio de Janeiro (RJ) (JOVEM, 2019) e Nova Iguaçu (RJ) (MAGALHÃES, 2019) são alguns exemplos. Conforme apontou o psicanalista Christian Dunker em entrevista após o atentado em Suzano, há

(...) uma mutação do discurso dominante sobre o que é a violência, e o que é a violência “aceitável”, “compreensível” ou “justificável” dentro da sociedade brasileira. Isso altera a nossa realidade psíquica. E essa mutação promete ser muito nefasta, carregando,

inclusive, um sentimento de escalada: a violência vem aumentando, num ritmo acelerado e errático. (SAYURI, 2019)

Sintetizando, no cenário atual a crise das estruturas sociais abre espaço à emergência de novas perspectivas de laço social, e o projeto político de extrema-direita de Bolsonaro vem se mostrando apto a instrumentalizar a revolta social e a agressividade para fortalecer sua figura de líder autoritário (pai) capaz de “apontar uma saída”. Contudo, as já evidentes dissensões em seu bloco político colocam uma dúvida sobre a perspectiva de que seja capaz de se manter nesse lugar simbólico.

Referências bibliográficas

- ADOLESCENTE que planejava atacar escola é apreendido em Goiás. In: O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/adolescente-que-planejava-atacar-escola-apreendido-em-goias-23532739>. Acessado em 30/03/2019.
- BOND, L. *Número de assassinatos de mulheres no Brasil em 2019 preocupa CIDH*. In: Agência Brasil. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-02/numero-de-assassinatos-de-mulheres-no-brasil-em-2019-preocupa-cidh>. Acessado em 30/03/2019.
- CAVALCANTI, I. *Segundo caso em dois dias: jovem é apreendido suspeito de ameaçar ataque em escola no interior de Goiás*. in: O Popular. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/cidades/adolescente-%C3%A9-apreendido-ap%C3%B3s-amea%C3%A7ar-ataque-em-escola-em-goi%C3%A1s-1.1755177>. Acessado em 30/03/2019.
- EL PAÍS. *Joice Hasselmann, WhatsApp e a eleição onde o crime compensa*. Artigo: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/28/opinion/1540732323_256151.html?id_externo_rsoc=TW_CC. Acessado em 2/11/18.
- FREUD, S. *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno* (1908). In: Obras Completas, volume 8. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- _____. *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911). In: Obras Completas, vol. 10. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- _____. *Totem e Tabu* (1913). In: Obras Completas, volume 11. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.
- _____. *A história do movimento psicanalítico* (1914). In: Obras Completas, vol 14. Imago.
- _____. *A repressão* (1915). In: Obras Completas, vol. 12. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- _____. *Conferências introdutórias à psicanálise 19. Resistência e repressão* (1917). In: Obras Completas, vol. 13. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.
- _____. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). São Paulo: L&PM Pocket, 2013.
- _____. *O futuro de uma ilusão* (1927). São Paulo: L&PM Pocket.

- _____. *O mal-estar na civilização* (1930). In: Obras Completas, vol. 18. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- GLASS, B. *El papa dice que “el cuerpo humano no es instrumento de placer”*. Artigo de La Izquierda Diario: <http://laizquierdadiario.com/El-papa-dice-que-el-cuerpo-humano-no-es-instrumento-de-placer>. Acessado em 2/11/18.
- GROSS, L. *Ameaça de ataque no Campus do Vale da UFRGS é registrada em redes sociais*. In: Rádio Guaíba. Disponível em: https://guaiba.com.br/2019/03/20/ameaca-de-ataque-no-campus-do-vale-da-ufrgs-e-registrado-nas-redes-sociais/?fbclid=IwAR0jfZRJCeYwUmYbjY5I3zHgXpHnxNIKxVJTfWVBvwc94AOGZK_hBYhP_0M Acessado em: 30/03/2019.
- JOVEM é apreendido depois de tentar esfaquear alunos no Rio. In: Revista Fórum. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/jovem-e-apreendido-depois-de-tentar-esfaquear-alunos-no-rio/> Acessado em 30/03/2019.
- LEMOS, M; BARBON, J. *Mulher fica desfigurada após apanhar de homem que conheceu na web*. In: Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/02/mulher-fica-desfigurada-apos-apanhar-de-homem-que-conheceu-na-web.shtml>. Acessado em 30/03/2019.
- MAGALHÃES, M. I. *Adolescente que planejava ataque à escola é apreendido em Nova Iguaçu*. In: O Dia. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/03/5630239-adolescente-que-planejava-ataque-a-escola-e-apreendido-em-nova-iguacu.html>. Acessado em 30/03/2019.
- PIMENTEL, M. *Abuso sexual na Igreja: a retratação e os ataques ao papa*. Artigo de Nexo Jornal: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/09/04/Abuso-sexual-na-Igreja-a-retrata%C3%A7%C3%A3o-e-os-ataques-ao-papa>. Acessado em 2/11/18.
- PINA, R. *Pelo menos 21 casos de feminicídio ocorreram na primeira semana de 2019*. In: Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/01/08/pelo-menos-21-casos-de-feminicidios-ocorreram-na-primeira-semana-de-2019/>. Acessado em 30/03/2019.
- REVISTA FÓRUM. *Pesquisa aponta que 83,7% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram no “kit gay”*. Artigo: <https://www.revistaforum.com.br/pesquisa-aponta-que-837-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-no-kit-gay/>. Acessado em 2/11/18.
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *verbete: recalque*. In: Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahat Editor, 1998.
- SAFATLE, V. *O que é fascismo, com Vladimir Safatle*. In: TV Cult (canal de YouTube) https://www.youtube.com/watch?v=_ypurfdlPmU&feature=youtu.be. Acessado em: 2/11/2018.
- SAYURI, J. *“Algo se alterou na violência brasileira”, diz psicanalista*. in: Nexo. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2019/03/14/%E2%80%98Algo-se-alterou-na-viol%C3%A2ncia-brasileira%E2%80%99-diz-psicanalista>. Acessado em: 30/03/2019.

- TRINDADE, N; MONTEIRO, T. *Militares entram na mira de 'guru' de Bolsonaro*. In: Estadão. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,militares-entram-na-mira-de-guru-de-bolsonaro,70002759116>. Acesso 30/03/2019.

1º Semestre 2019

Ciclo II

Aluno: Juliana Dantas Rodrigues

Título: SOBREVIVENDO NO INFERNO, A BÍBLIA DOS MANOS, CHEGA Á UNIVERSIDADE

“O silêncio... o silêncio faz um barulho imenso”.

Ogum's Toques Negros

“Deus fez o mar, as árvore, as criança, o amor. / O homem me deu a favela, o crack, a traiagem, as arma, as bebida, as puta. / Eu? Eu tenho uma bíblia véia, uma pistola automática e um sentimento de revolta / Eu tô tentando sobreviver no inferno.”

(Mano Brown, 1997)

Lançado em 1997, o álbum dos Racionais MC's "Sobrevivendo no Inferno" foi considerado pela crítica um dos mais ásperos⁵ e violentos⁶ já produzidos no Brasil por conta da narrativa nervosa de suas canções, que explicitam (e denunciam) a precariedade da vida na periferia de São Paulo. Na época, não demorou muito para que as letras se popularizassem entre os “manos” da periferia e conquistassem, inclusive, o interesse de um público mais heterogêneo, incluindo a elite que é ferozmente rechaçada nos versos cantados pelo grupo.

Objeto de pesquisa acadêmica para uns, referência musical para outros e símbolo de resistência para tantos outros, o disco “Sobrevivendo no Inferno” vendeu mais de um milhão e meio de cópias e foi eleito um dos melhores da música brasileira pela revista “Rolling Stone”⁷ cinco anos após seu lançamento, o que aponta para o caráter atemporal da obra.

⁵ JUNIOR, Alvaro Pereira. Racionais fazem o retrato mais áspero de São Paulo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 nov. 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm031114.htm>

⁶ VIEIRA, Paulo. É o mais violento disco já produzido no país. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 dez. 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq231205.htm>

⁷ CRUZ, Ricardo Franca. Os 100 Maiores Discos da Música Brasileira. **Revista Rolling Stone**, São Paulo, Out. 2007, edição nº 13, página 115.

No final de outubro de 2018, os versos dos *rappers* Mano Brown, Edi Rock, Ice Blue e KL Jay foram publicados em livro pela Companhia das Letras, dando corpo à “bíblia dos manos”. No mesmo ano, a Unicamp⁸ divulgou a inclusão da obra entre as leituras obrigatórias para quem pretende ingressar na universidade a partir de 2020 por considerar que os versos dos Racionais MC’s possuem relevância estética, cultural e pedagógica para a formação dos estudantes do ensino médio.

E é justamente este mais recente acontecimento que serviu de gancho para elaboração do presente trabalho de conclusão do segundo ciclo de formação. O que faz dessa obra, em minha opinião, a “bíblia dos manos”? E por que a inclusão de “Sobrevivendo no Inferno” pode ser considerada um marco importante para a sociedade brasileira? A partir dos conceitos apreendidos ao longo deste percurso, pretendo lançar um olhar psicanalítico sobre algumas questões implicadas na inserção dos Racionais MC’s no vestibular de uma das mais conceituadas faculdades do País. Para isso, partirei da apresentação do grupo de rap e sua origem para então discorrer sobre a obra e o significado da inclusão dela na prova da Unicamp.

Racionais MC’s

O grupo Racionais MC’s formou-se no final da década de 80, quando os integrantes começaram a se apresentar em festas no centro da cidade de São Paulo. KL Jay e Edi Rock eram DJs e já tinham seus próprios equipamentos quando conheceram Mano Brown e Ice Blue, “dois neguinhos do Capão Redondo”⁹ que cantavam rap. Não demorou muito para que se formasse o quarteto, que depois de um ano gravou seus primeiros *hits* na coletânea “Consciência Black”, dando os primeiros passos de uma carreira que em 2018 passou de três décadas.

Mas a origem do movimento que enseja a existência artística dos Racionais remete aos anos 60 e 70, quando o *hip hop* emergiu na periferia de Nova York como uma manifestação cultural de caráter artístico e político. O rap, nesse contexto, surgiu como uma das quatro principais expressões do movimento, que inclui o *DJing*, a dança *break* e o grafite. Unindo ritmo e poesia (a palavra rap é a abreviação dessas duas manifestações em inglês, *rhythm and poetry*), ele então deu voz a um discurso periférico e permitiu que se expusessem conflitos e demandas de milhares de pretos e latinos pobres que viviam em contexto de opressão social, racial e econômica nos Estados Unidos.

⁸ Nota divulgada pela Comissão Permanente para os Vestibulares (Comvest). Disponível em: <https://www.comvest.unicamp.br/comvest-divulga-lista-de-leituras-obrigatorias-para-o-vestibular-2020/>

⁹ CARAMANTE, André. Redbull Entrevista Racionais MC’s. Youtube. São Paulo, mai. 2017. Disponível em: https://youtu.be/XJG4_kFI0IU

Através da proposição de uma nova forma de enfrentamento - o combate simbólico por meio da arte, e, no caso específico do rap, por meio da palavra -, o *hip hop* então criou terreno para o surgimento de um novo contrato social entre moradores de periferia. Identificados - e mobilizados - por meio da cultura, eles viram seus vínculos fortalecidos, sua autoestima reforçada e seus desejos reconhecidos (MENDES, 2015). Assim foi no Bronx, berço do *hip hop*, em Nova York. E também no Capão Redondo, de onde veio o líder dos Racionais MC's, Mano Brown.

A bíblia dos “*mais de cinquenta mil manos*”

O ano de 1997 já estava chegando ao final. O Brasil despontava no mundo com o terceiro maior índice de homicídios das Américas e uma das mais altas taxas de desemprego entre jovens - na periferia, a marca era de 30%¹⁰. Um habitante do bairro paulistano do Capão Redondo chegava a ter 12 vezes mais chances de ser assassinado do que um morador de outro canto da cidade.

A precariedade da vida em um dos bairros mais violentos de São Paulo não era segredo para ninguém, pois, à época, contávamos com o “Notícias Populares”. Mesmo assim, muita gente se surpreendeu com a poesia de “Sobrevivendo no Inferno”, lançado em dezembro daquele ano, quando a voz de Primo Preto anunciou que *“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial / A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras / Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros / A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo / Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente”*. Foi como se o real da psicanálise de Lacan - o indizível, o impossível, aquilo que está além da capacidade de elaboração pela linguagem - tivesse burlado a teoria e passado para as letras dos Racionais.

Para além do público que já acompanhava a carreira dos quatro *rappers* e que, assim como eles, era nascido e criado na periferia, a brutalidade dos versos de “Sobrevivendo no Inferno” chamou a atenção da grande mídia, dos playboys, de acadêmicos e de artistas que até então desconheciam aqueles *“terroristas da periferia”*, os criadores da “bíblia dos manos”.

Começamos pela capa do disco. Uma cruz gótica e o Salmo bíblico antecipam uma forte marca do discurso, a fé. “*Ogum Iê*”, uma evocação ao orixá da guerra que é também aquele que abre caminhos segundo o candomblé, marca o início da primeira faixa do álbum, “Jorge da

¹⁰ Sobrevivendo no Inferno, dos Racionais, completa dez anos. **G1**. São Paulo, 13 de nov. 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL169176-7085,00.html>

Capadócia”¹¹, cujos versos entoam pedidos por proteção contra inimigos, em uma espécie de reza. Como em uma reprodução da religiosidade praticada pelos descendentes de africanos escravizados, que tiveram que falsificar sua fé - fon, iorubá, igbó, etc - para não serem mortos pelos homens brancos, os Racionais se escondem por trás da cruz, símbolo judaico-cristão, mas, convocando a proteção de Ogum, subvertem e reparam simbolicamente o silenciamento histórico imposto aos seus antepassados, dando início a um discurso marcado pela valorização do negro e de elementos da cultura africana - ora de forma direta, ora por meio da negação de seu oposto, representado pela cultura de consumo, branca.

*“Você vai terminar tipo o outro mano lá / Que era um preto tipo a / Ninguém entrava numa / Mó estilo / De calça Calvin Klein / E tênis Puma / Um jeito humilde de ser / No trampo e no rolê / Curtia um funk / Jogava uma bola / Buscava a preta dele no portão da escola /
Exemplo pra nós, mó moral, mó ibope / Mas começou colar com os branquinhos do shopping / “Aí já era” / Ih mano outra vida, outro pique / Só mina de elite / Balada, vários drink / Puta de butique / Toda aquela porra / Sexo sem limite / Sodoma e Gomorra”*

“Preto tipo a”, que aparece nos versos de “Capítulo 4, Versículo 3”, aponta para o tipo de negritude que “Sobrevivendo no Inferno” pretende resgatar e afirmar: um negro cujos comportamento e desejo não estariam totalmente alienados no que a psicanalista Maria Rita Kehl denominou de “signos de poder ostentados pelo burguês”¹², representados na música por “mina de elite, balada, vários drink” e “um carro importado, som no talo / Rolex, ouro no pescoço”, signos esses que serviram (e ainda servem) de sustentação para uma política histórica de “branqueamento” da população brasileira, que só permite a ascensão social e econômica de negros que assimilem as condutas e atitudes da população branca, não só do ponto de vista estético, mas cultural (VANUCCHI, 2017)¹³.

Na “bíblia dos manos”, que traz um excesso quase insuportável de vida real, a sociedade de consumo oprime pardos, negros e pobres sequestrando seus desejos, colocando-os como seres desejantes de um ideal que só pode ser alcançado pela maioria através do crime.

“É foda, foda é assistir à propaganda e ver / Não dá pra ter aquilo pra você / Playboy forgado de brinco: cú, trouxa / Roubado dentro do carro na Avenida Rebouças / Correntinha das moças / As madames de bolsa / Dinheiro: não tive pai, não sou herdeiro / Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal / Por menos de um real / Minha chance era pouca / Mas se eu fosse aquele moleque de touca /

¹¹ A canção original é do músico Jorge Ben Jor.

¹² KEHL, Maria Rita. **Radicais, Raciais, Racionais: A Grande Fratria do Rap.**

¹³ VANUCCHI, Maria Beatriz Costa Carvalho. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise.**

Que engatilha e enfia o cano na sua boca / De quebrada sem roupa / Você e sua mina / Um, dois / Nem me viu, já sumi na neblina.”

No entanto, como saída, a “bíblia” mostra que há satisfação na relação com o outro, no esporte, na música e nos momentos de simplicidade que independem da posse de bens materiais. Neste sentido, arrisco dizer que há uma alusão (inconsciente, talvez) àquilo que foi apagado da história dos negros, que são o amor à liberdade e o respeito pela natureza - valores que estão representados nas religiões de matriz africana e que podem ter chegado até ali, a despeito de uma ancestralidade frágil e remota (porque transmitida exclusivamente pela oralidade), pelo atravessamento do campo pulsional de quem compôs: são representações dos desejos, anseios, fantasias e aspirações narcisistas que o antecederam, mas o capturaram e determinaram¹⁴.

“TV é uma merda, prefiro ver a lua” ou “Tem uns baratos que não dá pra perceber / Que tem mó valor e você não vê / Uma pá de árvore na praça / As criança na rua / O vento fresco na cara / As estrelas / A lua” ou “Hoje acordei cedo pra ver, sentir a brisa da manhã e o sol nascer” ou “Preto desde nascença, escuro de sol / Eu tô pra ver ali igual, no futebol / Sair das ruas é a meta final / Viver decente, sem ter na mente o mal / Tem o instinto que a liberdade deu”.

A valorização da cultura e da identidade dos negros tem importância fundamental no processo de integração dos sujeitos pardos e pretos - tanto no plano individual quanto no social. Em Melanie Klein, vimos que há um *quantum* de amor e ódio dentro de nós que nos determina. Vimos também que a experiência com os objetos externos é fundamental à moderação da angústia provocada por causas internas, de origem pulsional. Segundo Klein, atribuímos valores ambivalentes aos objetos - externos e internos - por meio de mecanismos como dissociação, projeção, idealização e identificação para nos libertarmos da angústia persecutória que é inerente à nossa existência.

Mas quando o próprio corpo é vivido como objeto perseguidor, por ser pardo, preto e pobre em uma sociedade consumista e idealmente branca, o crime perfeito acontece quando o que é colorido busca se branquear, o que, no limite, representa a negação de si mesmo (VANUCCHI, 2017). Temos então um sujeito cujo desejo se identifica com o desejo do Outro que nega (logo, rejeita) a diferença do seu semelhante. O negro então passa a desejar a própria extinção. Por isso, mais uma vez, reforço que uma das principais marcas da “bíblia dos manos” está na introdução de uma política afirmativa (lembramos que estamos falando de uma obra de 1997).

¹⁴ HORNSTEIN, L. A Descoberta do Inconsciente. **Introdução à psicanálise.**

*“...Eu acredito na palavra de um
homem de pele escura, de cabelo crespo / Que andava entre
mendigos e leprosos, pregando a igualdade.../
Um homem chamado Jesus... / Só ele sabe a minha hora /
Aí, ladrão, tô saindo fora / Paz...*

Segundo o pensamento freudiano, a religião teria se originado como proteção ao desamparo humano diante de situações que o homem não domina nem controla: a finitude da vida, a fragilidade do corpo e a agressividade na relação com o semelhante. Freud também defende em “O Futuro de Uma Ilusão” que a religião foi criada pelo homem para que houvesse uma espécie de pacto para assegurar a vida social, para possibilitar uma aliança psíquica com a cultura (FREUD, 1927). Nesse segundo ponto, que diz respeito à vida no “aqui e agora”, reside uma das principais críticas do autor à religião: ele defende que ela falha ao não dar conta da conciliação do homem com as renúncias pulsionais impostas pela civilização. Ou seja, ela falha porque gera culpa, dor, alienação e sofrimento ao determinar que o modo de adaptação à realidade deve se dar por meio da desvalorização da vida na terra, pela substituição do mundo real por um mundo delirante e pela inibição intelectual, ignorando as infinitas variedades da condição psíquica.

Dito isso, defendo que no discurso de “Sobrevivendo no Inferno”, que nomeia culpados e denuncia as condições degradantes em que vivem milhões de pardos, pretos e pobres, mas que também convoca os sujeitos a se implicarem nas escolhas que fazem -, fé e religiosidade têm peso e importância quase “ideal” (se é que se pode dizer isso). Pois, por estarem inseridas em um contexto onde *“vale pouco a sua vida, a nossa lei é falha, violenta e suicida”*, Deus e seus derivados não assumem o papel do pai, da Lei, mas, sim, de um apoio: um pequeno outro, na linguagem de Lacan.

E o que isso traz de positivo? Na “bíblia dos manos”, a criminalidade resulta não somente (ou necessariamente) da má formação de um caráter que a igreja talvez pudesse corrigir, ainda que cobrando preços altos por isso (culpa, sofrimento, alienação, etc). Mas também (ou sobretudo) de uma precariedade social, humana, que na maioria das vezes impossibilita que as pulsões tenham destinos mais nobres.

“Ele tinha um certo dom pra comandar / Tipo, linha de frente em qualquer lugar / Tipo, condição de ocupar um cargo bom e tal / Talvez em uma multinacional / É foda... / Pensando bem, que desperdício / Aqui na área acontece muito disso / Inteligência e personalidade / Mofando atrás da porra de uma grade”

Ao acusar os “pecados” da civilização - desigualdade, racismo, dívida histórica, etc - e evidenciar a complexidade da nossa constituição - como sujeitos e como sociedade - , a “bíblia dos manos” movimentava a esfera das representações, permitindo a elaboração de novos processos psíquicos, e, talvez, um melhor entendimento sobre o sujeito e sua condição de cindido, dividido:

“Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além / E tenho disposição pro mal e pro bem / Talvez eu seja um sádico / Ou um anjo / Um mágico / O juiz ou um réu / Um bandido do céu / Malandro ou otário / Padre sanguinário / Franco atirador se for necessário / Revolucionário / Insano / Ou marginal / Antigo e moderno / Imortal / Fronteira do céu com o inferno / Astral imprevisível / Como um ataque cardíaco / No verso / Violentamente pacífico / Verídico”

Considerações finais

No ensaio “O Moisés de Michelangelo”, Freud (1914) chama atenção ao fato aparentemente paradoxal de que algumas criações artísticas grandiosas e arrebatadoras permanecem refratárias à compreensão do público. As pessoas admiram e se sentem capturadas pela expressão artística, mas não necessariamente sabem dizer o que ela representa e que tipo de emoção ela causa.

Transpondo esta colocação freudiana à poesia que constitui “Sobrevivendo no Inferno”, é possível afirmar que a carga afetiva que as palavras carregam - fruto da constelação psíquica que gerou nos artistas o impulso para a criação, mas também do reflexo exato do “*pesadelo periférico*” -, emociona ao causar desconforto porque nos coloca diante daquilo que era aparentemente paradoxal para Freud no que diz respeito às grandes obras de arte: a compreensão do irreduzível.

Em outras palavras, podemos assimilar objetivamente o que a poesia dos Racionais nos propõe em seu sentido e conteúdo, mas somos atraídos justamente pelo que não está na ordem simbólica e sim nos furos da linguagem, naquilo que nos toca porque explicita “a agressividade subjacente à ação do filantropo, do idealista, do pedagogo ou do reformador” (LACAN, 1949, pg. 100), ou seja, o sagrado e o profano que nos habitam.

Em um país que se constitui majoritariamente por uma população parda, negra e pobre, mas que historicamente silencia o racismo e denega a pobreza que “*Quem é preto como eu tá ligado qual é*”, a ampliação do público leitor da “bíblia dos manos” é de importância memorável, sobretudo se considerarmos que essa ampliação acontece em um momento em que as instituições democráticas se mostram frágeis, e o discurso de grande parte da sociedade

retrocede em conservadorismo porque o governante do nosso País promove o esvaziamento da palavra ao “falar por falar”.

Há um longo e incerto percurso à nossa frente, e esse percurso exige o fortalecimento do que o rap mais preza e estima. Permitir que novas formas de transferência se dêem por meio da divulgação das histórias desses sobreviventes é um passo neste sentido. “*Minha palavra vale um tiro*”, diz Mano Brown em um dos versos. Então, que haja um extermínio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Ricardo Franca. Os 100 Maiores Discos da Música Brasileira. **Revista Rolling Stone**, São Paulo, Out. 2007, edição nº 13, página 115.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de Uma Ilusão**. 1927. Disponível em: <https://leandromarshall.files.wordpress.com/2012/05/freud-sigmund-o-futuro-de-uma-ilus3a3o.pdf>

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo**. 1914.

FREUD, Sigmund. A dissecção da personalidade psíquica. **Obras Completas - Vol 18**. 1930 a 1936.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu, Contribuições À História do Movimento Psicanalítico e Outros Textos. **Obras Completas - Vol 11**. 1912 a 1914.

HORNSTEIN, L. A Descoberta do Inconsciente. **Introdução à psicanálise**.

JUNIOR, Alvaro Pereira. Racionais fazem o retrato mais áspero de São Paulo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 03 nov. 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm031114.htm>

KEHL, Maria Rita. **Radicais, Raciais, Racionais, a grande fratria do rap na periferia de São Paulo**. São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a12.pdf>

KLEIN, Melanie. Algumas Conclusões Teóricas Sobre a Vida Emocional do Bebê. **Obras Completas de Melanie Klein - Vol. 3**. 1952

LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como formador da função do eu. **Escritos**, Zurique, 17 jul. 1949, páginas 96 a 100.

MENDES, Gabriel Gutierrez. O Rap contra o racismo: a poesia e a política dos Racionais Mc's. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/2175497717872>

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo do Inferno**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/racionais-mcs/>. Acesso em: 09 outubro 2018.

VANUCCHI, Maria Beatriz Costa Carvalho. A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. **O racismo e o negro no Brasil: Questões para a psicanálise**.

VIEIRA, Paulo. É o mais violento disco já produzido no país. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 23 dez. 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq231205.htm>

1º Semestre 2019

Ciclo III

Aluno: Marinalva Euzébio

Título: CONFLITOS PSÍQUICOS DESPERTADOS NA UTILIZAÇÃO DA REDE E SEUS APLICATIVOS

RESUMO

Algumas considerações sobre a importância da internet e os conflitos relacionais gerados a partir de sua utilização. Como metodologia, para compreensão das possíveis angústias presentes em seus usuários, escolhemos o filme *Homens, Mulheres e filhos*. Dentre as muitas narrativas presentes no filme, destacamos observar e analisar a trama da adolescente Brandy e a conflituosa relação com sua mãe Patrícia.

INTRODUÇÃO

O ambiente das redes sociais propiciou novas formas de relação entre as pessoas, de tal forma que atualmente ouvimos falar sobre a existência de espaços intermediados pela tecnologia produzindo algo como uma nova cultura que foi denominada, pelo pesquisador em ciências da informação e comunicação Pierre Lévy (2002), de Cibercultura, ou seja, “a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.)” que juntas criam “uma nova relação entre a técnica e a vida social” (Lemos, 2002, p. 15).

As redes sociais sempre fizeram parte da existência do homem, o ser humano vive em rede, impossível ao ser humano não depender da participação de outro ser humano para a sua própria existência, no entanto o modelo eletrônico, também chamado de rede sociais, foi criado no início dos anos 2000 como uma evolução dos sistemas de busca e gerenciamento de amizades – *Facebook, WhatsApp, Messenger, YouTube, Instagram, Google+, Skype, Twitter, LinkedIn e Snapchat*, etc... Essas redes permitiram a criação de novos espaços sociais, onde os frequentadores poderiam se encontrar e interagir (Smith, 1999) e possibilitaram ao homem, pela primeira vez, trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e

planetária. Com essa nova interação foi possível observar o crescimento de uma verdadeira estética do social (Lemos, 2010).

Diante do rápido crescimento das redes sociais, assim como do interesse estonteante em participar dessas comunidades virtuais, o ciberespaço tornou-se um ecossistema complexo onde reina a interdependência entre o macrossistema – a rede de máquinas interligadas – e o microssistema social – a dinâmica dos usuários (Lemos, 2000).

Como participantes e observadores desse meio de relacionamento interpessoal, nos interessa tentar olhar mais de perto quais os possíveis conflitos relacionais gerados a partir dessa utilização.

O filme escolhido, “Homens, Mulheres e Filhos”¹⁵, retrata alunos de uma escola no Texas - EUA, entre 15 e 17 anos, seus familiares e conflitos vividos na utilização da rede. Todos os personagens encontram-se, de alguma forma, envolvidos, fazendo uso da tecnologia de rede pelos seus mais diversos aparelhos: celulares, computadores, *tablets* e dos serviços disponíveis na TV a cabo. Os vários aplicativos disponíveis, *Facebook*, *WhatsApp*, jogos, sites de relacionamento e de comunidades, são acessados atendendo a demanda apresentada no momento de vida de cada um.

Partindo de uma visão psicanalítica, alguns trechos do filme serão utilizados para exemplificar os conflitos vividos por Brandy com sua mãe.

RECORTE DO FILME: “HOMENS, MULHERES E FILHOS”

Patrícia, mãe de Brandy, controla a filha rastreando seus passos pelo celular, acompanhando seus acessos à internet e investigando suas redes sociais. Esse controle conta com a anuência do marido e uma “aparente” aceitação da filha. Patrícia é militante na comunidade, alertando os pais sobre os perigos da internet.

Brandy, por outro lado, finge ser quem não é para fugir do controle de sua mãe, possui um chip que carrega em seu bolso, que é utilizado todas as vezes que deseja fugir do olhar persecutório e invasivo da mãe sobre suas atividades on-line, assim consegue encontrar e acessar pessoas, sites de relacionamento e comunidades alternativas de uma forma mais “livre”.

Quando Brandy começa a namorar Tim, um talentoso jogador de futebol americano de sua escola, ela passa o seu endereço secreto do site “*Tumblr*”, para sempre que ele desejar falar com ela, acessá-la nesta conta. Declara que este é um dos poucos espaços em que ela

¹⁵ Jason Reitman & Hellen Estabrook (2014), *Homens, Mulheres e Filhos*, Paramount Pictures.

pode ser ela mesma, livre do controle onipresente da mãe.

Patrícia descobre o perfil secreto de Brandy, uma mulher fatal que troca mensagens com o seu novo namorado. Tomada de espanto, a mãe confisca o celular da filha, invade o seu perfil e termina o namoro com Tim. Na sequência, Brandy sai de casa, sem que a mãe perceba e vai ao encontro do namorado e o encontra desmaiado, inerte após ingerir um vidro de remédio controlado. A cena final traz a jovem Brandy deitada junto a Tim em uma cama de hospital e do lado de fora, sua mãe observando-os com lágrimas de aparente arrependimento.

A VIDA DE BRANDY NO CIBERESPAÇO

A adolescente Brandy enfrenta um “período de transição da infância para a idade adulta, um período marcado por profundas alterações biológicas, fisiológicas e psicológicas” (Atkinson, Atkinson, Smith, Bem, & Nolen-Hoeksema, 2002, p. 122); nesta fase da vida, ela se encontra em plena construção de uma identidade à parte de sua família. Brandy possivelmente busca na rede um apoio, um olhar, um espaço para ser, para experimentar, se expressar e também para quem sabe ir na contramão dos valores e regras rigidamente delimitadas por sua mãe, transitando, portanto, em torno de questões típicas da adolescência.

Estas questões da adolescência são articuladas ao sentido que o jovem percebe nas experiências do ciberespaço por Leitão e Nicolaci-da-Costa (2005) ao afirmarem que

O que está em questão não é apenas a permeabilidade do EU (ego) ou do sujeito para o simbólico na realidade virtual, mas também o prazer que sentem ao usar a internet como um novo espaço de vida, a onipotência que experimentam como usuários, as formas de relação que estabelecem com seus corpos e os excessos que vivem no ciberespaço (2005, p. 444).

Para Winnicott (1963/1983) “a maturidade do ser humano é uma palavra que implica não somente crescimento pessoal, mas também socialização” (p. 80). No contexto social em que a nossa protagonista se encontra, é inegável o domínio das redes sociais da internet, que acaba se estabelecendo como forma de socialização.

A adolescência é uma fase da vida de descoberta pessoal, e é indispensável que Brandy a viva efetivamente. “Ao falar dos adolescentes, estamos falando da infância, uma vez que eles revivem, de maneira especialmente intensa, experiências e defesas próprias da infância mais remota” (Lins, 2000, p. 50). As investidas do *id* mudaram devido à chegada da puberdade, o

ego agora precisa se reorganizar. Brandy, por falta de uma elaboração psíquica adequada, pois ainda não possui recursos internos que lhe permitam expressar sua insatisfação, não consegue expressar através das palavras o quanto se sente incomodada pelos constantes olhares de sua mãe sobre seus passos; ela acaba por transferir para o corpo estes conflitos, quando se apresenta na rede como uma mulher fatal, neste ato “é através do corpo que ela se manifesta. Porque habitado pela linguagem, o corpo pode e, quase sempre, é o instrumento de que se serve o sujeito humano para exprimir a linguagem de seus afetos” (Rocha, 2000, p. 20).

A necessidade e o desejo de experimentação, próprios da adolescência, não são bem aceitos pela sociedade, esta é uma fase de dificuldades com uma mistura de dependência e desafios que são percebidos como problemas: “o fato de que cada adolescente está na verdade vivendo um processo ao cabo do qual se tornará um adulto consciente e integrado é deixado de fora de questão” (Winnicott, 1993, p. 116).

O crescimento de Brandy desafia Patrícia a continuar o seu próprio crescimento. A tarefa para essa mãe é não tentar curar a filha de uma coisa essencialmente sadia que é a adolescência. Patrícia acaba por não permitir que Brandy viva sua adolescência como parte necessária de seu desenvolvimento. Patrícia, sem perceber, termina por se apresentar como uma mãe abusiva quando rastreia e invade o computador da filha sem sua autorização, uma vez que ela invade o conjunto ambiente-indivíduo da filha de modo excessivo e autoritário em várias situações. Esse tipo de relacionamento provoca na adolescente uma perda da sensação de ser.

A mãe de Brandy apresenta a angústia que se encontra inscrita no seu psiquismo, como uma psicose de defesa, caracterizada na neurose obsessiva (Rocha, 2005), muito bem representada no filme pela sua insistente obstinação em ficar checando os acessos que a filha faz no computador de casa. Ela se dá ao árduo trabalho de imprimir todas as conversas trocadas da filha na rede, instala um rastreador de captação de sinais e consegue copiar as conversas e acessos teclados no celular de Brandy, além de sua localização.

Patrícia encontra, em sua incansável e persistente *via crucis* contra os perigos da internet, uma forma de ser no mundo, uma maneira estruturada para poder lidar com os seus conteúdos recalçados, porém, ao longo do drama, percebe-se que esta não é a sua melhor defesa diante dos perigos que ameaçam a sua existência. Seu sofrimento também atinge as pessoas que estão ao seu redor e cria outros sofrimentos. A rede é a representação da sua fobia, “um sentimento de inquietação e de sofrimento diante de uma ameaça real ou imaginária” (Rocha, 2000, p. 37), medo de que algo possa acontecer com sua filha, medo talvez de que seus desejos inconscientes possam ser realizados pela filha, pura neurose onde os sintomas representados através de seu comportamento são a expressão simbólica de um conflito

psíquico, cuja origem faz parte de sua história infantil, um compromisso entre o desejo e defesa, uma briga de forças contraditórias, causando-lhe uma irritabilidade tanto com sua filha quanto com as pessoas ao seu redor, principalmente com aqueles que são a representação de seus desejos recalcados.

Quando alguém com predisposição à neurose carece da aptidão para a conversão, mas, ainda assim, parece rechaçar uma representação incompatível, dispõe-se a separá-la de seu afeto, esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A representação, agora enfraquecida, persiste ainda na consciência, separada de qualquer associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas, e graças a essa “falsa ligação”, tais representações se transformam em representações obsessivas. Essa é, em poucas palavras, a teoria psicológica das obsessões e fobias, mencionada no início deste artigo. (Freud , 1924, P. 58 e 59).

Neste contexto, Brandy usa um perfil falso na rede de internet como uma defesa contra o olhar invasivo e intrometido da mãe, protegendo-a assim dessa solidão imposta por sua mãe. Brandy consegue lapidar suas relações online, uma vez que não é necessária a presença física.

Brandy usa a rede para se identificar, luta para sentir-se real em um espaço que sente ser o único em que ela pode ser si-mesma, necessidade e característica de sua faixa etária, ou seja, a busca pelo estabelecimento de uma identidade pessoal, para viver o que acredita que deve ser vivido, sem ter de se conformar a um papel preestabelecido por sua mãe.

Brandy desafia sua mãe, pois não aceita suas ideias radicais contra o uso da rede, detecta elementos falsos e excessivos em seu discurso e “uma das principais características dos adolescentes é o fato de não aceitarem falsas soluções” (Winnicott, 1993, p. 122).

Vemos os jovens buscando um tipo de identificação que não os abandona sozinhos em sua luta: a luta para sentir-se real, a luta para estabelecer uma identidade pessoal, a luta para viver o que deve ser vivido... Os adolescentes não sabem o que se tornarão. Não sabem onde estão, e estão a esperar. Tudo está em suspenso; isso acarreta o sentimento de irrealidade e a necessidade de tomar atitudes que lhe parecem reais, e que de fato são, na medida em que afetam a sociedade (Winnicott, 1993, p. 123).

Brandy compartilha na rede a forma como vivencia seus pensamentos e sentimentos abrangendo os sentidos e os significados que foram atribuídos às suas experiências de vida, ou seja, a sua subjetividade é compartilhada quando publica sem receios imagens com conotação sensual e sadomasoquista; não seriam projeções de desejos de sua mãe que a fazem encontrar uma representação para tamanho controle exercido sobre ela?

Porém, nesta exposição, ela corre o risco de criar confusões de interpretações, o significado atribuído por ela pode ser completamente diferente dos significados interpretados pelo público que acessa seu blog, é como se não houvesse uma fronteira, questões de ordem privada se tornam públicas.

A adolescência se assemelha a uma segunda chance, é um momento onde as experiências vividas pelo bebê são reeditadas. As falhas no processo de amadurecimento, tanto nos cuidados físicos ou emocionais por parte do cuidador, podem resultar em incapacidade de identificar-se com este bebê, satisfazer suas necessidades, emprestar seu ego e sustentar a onipotência do bebê. Desta feita, o ambiente se torna invasivo, intrusivo, ameaçador e instável e o bebê irá criar uma barreira em um *self* ainda muito primitivo para dar conta de cuidar de si próprio. Como forma de proteção contra esta invasão, a barreira criada em defesa do verdadeiro *self*, fica totalmente fragilizada por dentro e esta ação pode resultar na criação de um falso *self* como uma forma de existência (Winnicott, 1971).

Como uma adolescente típica, Brandy enfrenta tanto no seu corpo, quanto na sua psique, grandes mudanças, como uma lagarta ao se transformar em uma borboleta, e essas adaptações serão necessárias na construção de uma nova identidade. Como seres sociais e participantes dos meios de comunicação, torna-se quase que impossível não sermos atingidos pelos valores da contemporaneidade, e a internet apresenta um mundo virtual cheio de possibilidades. Buscando uma forma de poder lidar com conflitos presentes nesta fase da vida, muitos adolescentes que não possuem um ambiente facilitador buscam na rede um espaço de comunicação e expressão na procura de uma identidade. A rede pode ser usada como um meio de passagem das relações familiares para outros tipos de relacionamentos, bem representados na mesma relação que se faz entre o seu corpo infantil em transformação para o corpo adulto (Freitas & Silva, 2014).

As mudanças substanciais que estão acontecendo neste corpo em franco desenvolvimento com a passagem do corpo infantil para o corpo adulto, a grande carga de investimento psíquico necessária na reestruturação deste novo indivíduo que se estranha e, ainda, diante das angústias presentes neste período de sua vida, traz para o adolescente a necessidade da participação do olhar do outro na construção desta nova identidade, e a rede

parece favorecer um espaço de descobrimento de suas semelhanças e diferenças em relação aos outros, pois “o contato com o outro que o vê favorece o sentimento de existência e gratidão” (Freitas & Silva, 2014).

No caso da adolescente representada no filme, a forma que encontrou para poder lidar com as excitações provenientes das grandes transformações e “integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas” (Laplanche, 1982, p. 143), foi utilizar a rede virtual para poder se expressar, ser dona de seu corpo, seus pensamentos, desejos, espaços estes negados quando sua mãe tenta controlar seus relacionamentos estabelecidos fora do ambiente doméstico.

No reconhecimento e aceitação das mudanças que se sucedem nas transformações da adolescência, o enfrentamento do desconforto na busca de novas formas de relações para além das relações parentais, aliado ao desejo de independência, fez com que a protagonista do filme se arriscasse e se transformasse em uma nova personagem, bem diferente da vivida no ambiente familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rede se apresenta como um espaço para que o indivíduo possa se expressar se relacionar, vivenciar e elaborar processos de mudanças, assim como novas formas de ser e estar. Sendo a adolescência uma etapa de construção da identidade, a rede parece ora contribuir e ora prejudicar seu desenvolvimento, e o resultado, positivo ou negativo, irá depender da subjetividade e das bases criadas e desenvolvidas ao longo da vida de cada indivíduo.

Tanto a personagem adolescente quanto sua mãe fazem uso da rede como um meio de fazer escoar conflitos vividos que são reeditados na utilização da rede. Brandy parece encontrar no ciberespaço um lugar para a expressão de sua identidade; já sua mãe Patrícia, para não entrar em contato com seus conflitos psíquicos, projeta na rede seus conteúdos recalcados.

O que a rede pode fazer é descortinar os conflitos já existentes: ela não é a responsável pelos conflitos, e sim o meio usado de expressão dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Atkinson, R. L., Atkinson, R. C., Smith, E. E., Bem, D. J., & Nolen-Hoeksema (2002). *Introdução à psicologia de Hilgard*. Porto Alegre: Artmed.
- Freitas, E. A. R., & Silva, L. C. A. (2014). Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. *Psicologia Clínica*, 26(2), 139-157. Recuperado em 12 de outubro de 2016 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000200009&lng=en&tlng=pt.
- Laplanche, J. (1982). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lemos, A. (2002). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Lins, M. I. A. (2000). Agressividade e provisão ambiental. *Natureza humana*, 2(1), 49-69. Recuperado em 12 de outubro de 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000100002&lng=pt&tlng=pt
- Rocha, Z. (2000). *Os destinos da angústia na psicanálise Freudiana*. São Paulo -SP: Editora Escuta Ltda.
- Smith, N. (1996). *The new urban frontier: gentrification and revanchist city*. Nova Iorque: Routledge.
- Winnicott, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In Winnicott, D. W. (1983). *O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1971). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott (1975) *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago (pp. 95-120).
- Freud, Sigmund (1894). As Neuropsicoses de defesa: Rio de Janeiro: Imago, Vol. III pg. 58,59.

1º Semestre 2019

Ciclo IV

Aluno: Alba Celiza Nunes Pismel

Título: NÃO EXISTE RAZÃO PARA INVEJAR AQUILO QUE, SEM TÊ-LO, NÃO CORRERIA O RISCO DE SER DESEJADO

“Não existe razão para invejar aquilo que, sem tê-lo,
não correria o risco de ser desejado”

Este trabalho nasce da importância estrutural do Complexo de Édipo na Psicanálise e do desconforto das mulheres ocorrido em uma de nossas aulas no curso de formação em psicanálise do CEP onde foi analisado o texto: Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (Vol.XIX,1925, págs. 281 a 291). Durante a aula houve uma comoção quase que ideológica, o que me fez lembrar a frase de um outro analista em classe: a ideologia deixa o analista surdo.

Neste texto Freud reavalia todas as suas opiniões, condensa e cristaliza seu pensamento sobre o desenvolvimento psicológico das mulheres.

Como Freud chega neste ponto? O que levou Freud a considerar uma fase pré-ediapiana que configura basicamente a inveja do pênis para o universo feminino? Qual foi seu ponto de partida?

Para tentar compreender esta conturbada afirmação, a exemplo de muitos que já o fizeram, optei por delinear uma breve investigação histórica sobre uma pequena evolução dos textos referentes a este tema, desde sua origem em 1900, onde vemos apenas um espectro do que viria ser o Complexo de Édipo, os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade finalizando com o texto apresentado em aula.

Aqui neste trabalho não estão considerados as correspondências a Fliess, onde existem vários indícios de que sua Teoria da Sexualidade já estivesse em pleno desenvolvimento antes mesmo da publicação dos *Três Ensaio sobre a Sexualidade, publicada em 1905*. Nas notas do editor do Volume VI, “os leitores da correspondência com Fliess hão de estar cientes de que grande parte desta teoria já existia em época ainda anterior”. Estas evidências

podem ser encontradas na Carta 52 de 12 de dezembro de 1896, onde Freud introduz a noção de zonas erógenas e antecipa a teoria das pulsões parciais, na Carta de 57 de 24 de janeiro 1897 onde cita que as psiconeuroses são o “negativo” das perversões.

Mas é na carta de 15 de outubro de 1887 onde Freud através de sua autoanálise e o abandono da teoria da sedução (onde a neurose teria origem em abuso sexual como explicação possível para as crises histéricas das suas pacientes), elabora o Complexo de Édipo que Freud entende a chave da compreensão do psiquismo e a partir deste ponto sua teoria sexual pode ser considerada completa.

1900 -“Mamãe agora pode ir embora. Aí Papai vai ter que casar comigo e eu vou ser a mulher dele”. (Menina de 4 anos)

No livro "A Interpretação dos Sonhos" (Imago, Vol. IV, 1900), na seção D2 dedicada a “Sonhos sobre a morte de pessoas queridas”, Freud planta a semente do que viria a ser o Complexo de Édipo, uma tragédia do destino e pedra fundamental da teoria psicanalítica. Foi nos relatos de sonhos com a morte de pais que Freud observou a preponderância de que os homens sonham com a morte de seu pai e as mulheres com a morte de sua mãe. *“Não posso afirmar que isto ocorra universalmente, mas a preponderância no sentido que indiquei é tão evidente que precisa ser explicada por um fator de importância geral. Dito sem rodeios, é como se uma preferência sexual se fizesse sentir numa tenra idade: como se os meninos olhassem o pai, e as meninas olhassem a mãe como seus rivais no amor, rivais cuja eliminação não poderia deixar de trazer-lhes vantagens”....* Mas é analisando pacientes psiconeuróticos que vem a confirmação de que os desejos sexuais remontam a primeira infância e que o primeiro amor de uma menina é por seu pai e os primeiros desejos do menino são para com sua mãe. *“Por conseguinte, o pai se transforma num rival perturbador para o menino, e mãe, para a menina, e já demonstrei no caso dos irmãos e irmãs com que facilidade esses sentimentos podem levar a um desejo de morte”.* É importante ressaltar que a noção de morte para as crianças não é o mesmo que temos enquanto adultos, não existe o medo da morte tal qual a conhecemos pois para as crianças a morte tem o significado de ir embora, deixar de atrapalhar um desejo, uma vontade.

E Freud conclui que: *“A reação psíquica aos sonhos que contém desejos de morte prova que, apesar de conteúdos diferentes desses desejos no caso das crianças, eles são, não obstante, de uma maneira ou de outra, idênticos aos desejos expressos nos mesmos termos pelos adultos”.*

Em outro momento Freud fala da relação mãe e filha. *“As causas de conflito entre mãe e filha surgem quando a filha começa a crescer e ansiar por liberdade sexual, mas se descobre sob a tutela da mãe, enquanto esta, por outro lado, é advertida pelo crescimento da filha que é*

chegado o momento em que ela própria deve abandonar suas apropriações à satisfação sexual". E aqui se esgota o assunto sobre meninas especificamente, em contrapartida Freud cita mais para o final do texto pela primeira vez a história de Oedipus Rex (Édipo, o Rei), onde diz: "O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos desejos infantis". Até aqui temos Édipo ajudando a afirmar que o sonho como manifestação de um desejo inconsciente e semeando a teoria da fantasia e da sexualidade infantil. Com essa história Freud identifica a relação triangular que organiza a vida psíquica infantil, "Há uma indicação inconfundível no texto da própria tragédia de Sófocles, de que a lenda de Édipo brotou de algum material onírico primitivo que tinha como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, em virtude dos primeiros sobressaltos da sexualidade"

1905 - Para Freud a vida sexual das mulheres é um labirinto de Dédalos?

Sabemos o quanto o texto Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade (Vol. VII, 1905, págs. 174, 175) é considerado essencial para os fundamentos do sujeito psíquico e da própria Sexualidade e o quanto este texto teve um caráter revolucionário para a cultura e medicina da época.

No entanto a afirmação que originou o embate deste trabalho mereceu não mais que 3 Linhas na parte do texto que aborda a castração e a Inveja do pênis, sendo assim descrito;

"...já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela Inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências".

Não tem como ignorar esta última frase que também pode ser lida como quase como um sofisma: é bom ser menino pois ser menino implica em consequências importantes.

Dando continuidade paradoxalmente neste mesmo texto, quando discute o tema da "Supervalorização do objeto sexual", Freud não hesita em expor sua inquietude com o universo feminino, parece considerar a sexualidade feminina como o labirinto de Dédalo, constituído por um conjunto de percursos intrincados criados com a intenção de desorientar quem os percorresse através do qual nenhum homem podia entrar .

"A importância desse fator da supervalorização sexual pode ser estudada melhor no homem, cuja vida amorosa é a única a ter-se tornado acessível à investigação, enquanto a da mulher,

em parte por causa da atrofia cultural, em parte por sua discrição e insinceridade convencionais, permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável”.

Em um exercício de busca em toda a obra de Freud, o feminino aparece apenas em 14 textos. Considerando a representatividade das mulheres podemos considerar poucos textos, mas em termos qualitativos para psicanálise são constituintes e provocadores e de certa forma corajosos.

Como Freud faz esta guinada e determina claramente a “inveja do pênis” como um processo do Complexo de Édipo para as mulheres? Qual foi a evidência em sua clínica que o motivou a postular esta máxima?

Nesta busca faltante no intermezzo dos 2 textos, encontro um relato de caso com esta citação 15 anos após sua primeira abordagem. Trata-se do texto de 1920 “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher”. Esta paciente foi trazida pelo pai para a remoção da inversão genital ou homossexualismo – matéria nada fácil pela experiência de Freud . A paciente era uma jovem de 18 anos, de família abastada com 4 filhos, ela e mais 3 irmãos. Tinha uma mãe jovem e vaidosa, “pouco disposta a abandonar seus próprios direitos à atração, pai sério, respeitado e terno mas rígido e distante dos filhos. A atração desta jovem por mulheres maduras surgiu após o nascimento do terceiro filho quando esta tinha tinha 16 anos. Com esta breve anamnese, retomo o ponto da discussão deste trabalho assim descrito no caso clínico:“ A análise demonstrou, além disso, que a jovem trouxera consigo, desde a infância, um “complexo de masculinidade ”fortemente acentuado. Jovem fogosa, sempre pronta a traquinagem e lutas, não se achava de modo algum preparada para ser a segunda diante do irmão mais velho; após inspecionar seus órgãos genitais (entre 5 a 6 anos, no período da latência) desenvolvera uma acentuada inveja do pênis e as reflexões derivadas dessa inveja ainda continuavam a povoar-lhe o espírito. Era na realidade uma feminista; achava injusto que as meninas não gozavam da mesma liberdade que os rapazes e rebelava-se contra a sorte das mulheres em geral.”

Aqui vale uma reflexão o que vem primeiro: a mulher diante de um contexto cultural ou a Inveja do pênis? Quantas vezes Freud ouviu este relato entre 1900 e 1905?

Por que Freud não considerou a “condição da mulher” como um material onírico primitivo a exemplo do que ocorreu com a lenda de Édipo?

Por que em Totem e Tabu, onde Freud propõe que a repressão dos impulsos incestuosos levaria a uma neurose própria a todos os seres humanos, não se coloca também a neurose feminina ao qual desde sempre a mulher foi submetida quando o patriarcado usurpou sua posição enquanto matriarcado.

Por que vemos tanto de Aristóteles nas consequências provocadas pela “inveja do pênis”? Para Aristóteles a mulher é uma espécie de desvio em relação ao tipo mais perfeito que é o homem. É uma privação. O homem é a medida da humanidade e ela é uma falha, um homem incompleto ou mesmo mutilado como é explicitado em um dos seus textos: “A fêmea é uma macho mutilado”.

No pensamento Aristotélico a mulher é passiva e incapaz de controlar as suas paixões, identifica-se com a matéria e, mesmo na concepção, o seu papel é secundário pois se limita a receber a forma, dada pelo seu parceiro masculino: “Mas a fêmea enquanto fêmea, é passiva, e o macho, enquanto macho é ativo, e o princípio de movimento vem dele”

Freud relata em 1925 no texto “ Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (Vol.XIX, pág.281) as consequências na vida das mulheres dessa “inveja do pênis”.

- 1) Sentimento de inferioridade – “Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal, para si mesma, e compreendeu que esse caráter sexual é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto, e, pelo menos no sustentar dessa opinião insiste em ser como um homem”.
- 2) Ciúme – mesmo após a “Inveja do pênis” ter abandonado seu verdadeiro objeto, ela continua existindo através do ciúme via um fácil deslocamento. Esta é a justificativa do ciúme representar um papel muito maior na vida psíquica das mulheres.
- 3) Masturbação – Freud diz: “Seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos, força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade.”
- 4) Mudança da relação de afeto da menina com seu objeto materno A menina julga que se ela não tem pênis é porque sua mãe a enviou ao mundo incompleta e não a perdoa, pois a considera de fato a responsável por essa falta.
Finalmente ela abandona o seu desejo de possuir um pênis e coloca em seu lugar o desejo de ter um filho e toma o pai como objeto de amor.

Sabemos que Freud constrói a “Inveja do pênis” com o objetivo de fechar o teorema do Complexo de Édipo para as mulheres, pois acreditava que não se poderia partir de análise simplista de que o menino ama a sua mãe e a menina ama o seu pai.

Como desde sempre o mundo foi construído com a visão masculina, o Complexo de Édipo masculino se encerra brilhantemente com a castração.

Já com a menina, aceita a sua castração e não tem medo de “perder o pênis” e sim de não ter um.

Como se colocaria Freud hoje, frente a necessidade de delinear o Complexo de Édipo para as mulheres? Neste momento me permito parafrasear Levi Strauss/1982: “Não existe nenhuma razão para proibir aquilo que, sem proibição, não correria o risco de ser executado”. Eu diria a Freud **“Não existe razão para invejar aquilo que, sem tê-lo, não correria o risco de ser desejado”**. Começar de novo.

1º Semestre 2019

Ciclo V

Aluno: André Ryoki Inoue

Título: SOBRE O VÔO DA BORBOLETA ESPETADA NA CORTIÇA

Era pra eu ter escrito e entregue esse texto no semestre passado, mas não deu porque fiquei bloqueado. A situação é familiar e nem por isso menos angustiante: a tela em branco, o cursor piscando ali no alto e por mais que eu esprema o cérebro, não sai nada.

Dessa vez foi pior ainda. Na minha cabeça não tinha um grande vazio. Tinha um universo inteiro, novo, absolutamente fragmentado e caótico, com o qual eu não estava conseguindo lidar.

Comecei esse texto dezenas de vezes. Nunca passava das primeiras sentenças, que eram apagadas implacavelmente porque soavam artificiais. Pareciam incompletas e arbitrárias, davam a impressão de uma conversa pega pelo meio. As ideias que eu tentava expressar nessas sentenças pareciam igualmente pelo meio, demandando uma longa explicação prévia pra fazer algum sentido. E mesmo quando eu recuava o começo do texto pra algum ponto anterior do raciocínio, as ideias continuavam capengas, fracas, obscuras, exigindo explicações cada vez mais anteriores.

Uma epifania me possibilitou dar uma destravada: o bloqueio pra escrever o texto era, na verdade, um delírio de onipotência. Essas coisas todas que aprendi nos últimos dois anos me impuseram a necessidade de reorganizar tudo o que eu sabia a respeito do que é o humano, do que é pensamento, mente e cérebro, o que é tempo e o que é espaço, o que é contorno e o que é espelho, o que são laços, o que é Lei e discurso, o que é linguagem, língua e comunicação, o que é equívoco e malentendido. Ao atravessar o espelho e entrar no Maravilhoso Mundo da Psicanálise eu revi minhas crenças, meus conceitos, as relações entre eles e, ao mesmo tempo, precisei arrumar espaço pra um monte de novidades. Em outras palavras: construí um universo interno completamente novo.

Esse universo recém construído impõe a criação de uma nova cosmogonia (este é um jeito pretensioso porém preciso de dizer que Freud e Lacan arrancaram a tampa da minha

cabeça e agora eu tenho que dar um jeito de arrumar a bagunça). É nessa “cosmogonia” que reside aquele meu delírio de onipotência: é impossível fazer uma cosmogonia dessas. É impossível estabelecer uma narrativa totalizadora a partir de tantos e tão caóticos fragmentos. Fiquei bloqueado porque estava procurando um ponto qualquer onde colocar o meu “fiat lux”: um começo possível para uma narrativa que desse conta de todo esse novo universo que me habita.

A própria ideia de que é possível estabelecer um “fiat lux” já é, em si, uma questão importante. O narrador bíblico estabelece no “fiat lux” o começo de uma história que pretende dar conta de tudo. O “fiat lux” bíblico é o começo de alguma coisa cujo fim está nele mesmo contido, ou no mínimo apontado, pois trata-se de uma narrativa totalizadora. E não importa que existam milhares de interpretações diferentes, tampouco importa que a narrativa bíblica seja composta por inúmeros fragmentos – muitas vezes repetitivos, muito mais vezes contraditórios – o fato é que por mais fragmentada e polissêmica que seja, tal narrativa presta-se como suporte de diversos discursos totalizadores.

Daí aquela angústia paralisante, o bloqueio: desejo de dar conta, na escrita, da impossível tarefa de organizar a minha nova cosmogonia. Sintomático, não? Escuto, na frase acima, a angústia de conviver com falhas e lacunas, própria da minha querida obsessão. Se tem uma parte de mim que me exorta a gritar “Musas!” pra em seguida organizar tudo o que eu aprendi nesses dois anos numa genealogia da teoria, tem também uma outra parte – analisada, graças ao bom e velho Sig – que ri gostosamente e diz algo na linha do “Vai, André! Ser arqueólogo do seu saber”. É quase uma declaração de independência, essa aí. No lugar de estabelecer um ponto de origem, um começo, e seguir uma linha lógica que alinhava todo o resto, amarrando assim o começo ao fim, ser arqueólogo do meu próprio saber é a autorização pra lidar com alguns poucos fragmentos por vez. Sem o compromisso de determinar qual fragmento necessariamente encaixa com qual outro fragmento pra no final montar o vaso de novo. No lugar disso, apenas brincar com os fragmentos.

Na real, não tem narrativa. Ou antes: não tem nada parecido com uma narrativa – no singular – menos ainda totalizante. Existem fragmentos, ideias, conceitos, observações, que podem ser organizados em diversas narrativas que não guardam equivalência entre si, porque não falam das mesmas coisas. O que não significa que podemos dispensar o “fiat lux”, muito ao contrário: multiplica-se a necessidade do “fiat lux”, na proporção exata das possibilidades de narrativas que se abrem para o arqueólogo.

Mas agora sabemos onde localizar qualquer um desses “fiat lux”. Se não tem uma narrativa, mas várias; se trata-se de fragmentos capazes de sustentar um discurso que os faça

coerentes entre si, esse “fiat lux” só pode estar num único lugar: na pergunta. A pergunta supõe, a um só tempo, o ponto de partida e a linha de chegada, propondo uma narrativa específica que relacione um e outro – uma narrativa dentre tantas possíveis.

A pergunta poderia ser, por exemplo, a respeito dos cinco ou seis conceitos fundamentais, os pilares dessa nova cosmogonia. Mas me parece uma estratégia equivocada, ou pior ainda, um convite ao bloqueio de novo, porque no fundo é análoga à suposição de um narrativa totalizadora, e a mesma angústia pra estabelecer o “fiat lux” da narrativa totalizadora apareceria na interminável discussão de quais seriam os cinco conceitos eleitos como fundamentais. De modo que a substituição de um “fiat lux” por uma pergunta que remetesse aos fundamentos desse universo apenas multiplicaria o problema pela quantidade de conceitos a se escolher.

A pergunta, portanto, precisa vir de algum outro lugar, estrangeiro à teoria que ela demanda. A pergunta precisa propor pra esse meu novo universo a possibilidade de articular fragmentos numa narrativa satisfatória ainda que provisória – ou satisfatória precisamente por ser provisória.

Acho que com isso chegamos à clínica. É a partir da escuta dos analisantes que se formulam questões que valem a pena ser consideradas “fiat lux” não mais de uma cosmogonia, mas de uma cosmovisão, o que, na verdade, problematiza a ideia do “fiat lux”. Não há o estabelecimento do início da narrativa porque não há, igualmente, uma narrativa, uma cosmogonia. O que há é mais parecido com um jeito de olhar, um jeito singular de olhar: uma cosmovisão. Nesse sentido, essa cosmovisão enforma um determinado jeito de estar no mundo. E é saudável que seja nesse sentido (no sentido vetorial, de deslocamento a partir de A em direção a B): que a clínica demande questões para a cosmovisão que devolve alguma coisa razoavelmente organizada, alguma coisa que tem pedaços e fragmentos que fazem algum sentido: um discurso teórico.

E veja: essa teoria não organiza a clínica, nem lhe serve de critério. Não se trata da clínica formular questões para a teoria, pois não são perguntas que a prática faz para um sistema teórico já articulado, organizado, pronto e ansioso para responder “certo” ou “errado”. A teoria serve apenas e tão somente para esclarecer ao analista o seu lugar, a sua posição no laço que se estabelece na clínica. A escuta dos analisantes explicita para o analista os limites do seu saber, suas lacunas e suas falhas, e são essas perplexidades que servem como balizas para a estruturação de alguma teoria, de alguma narrativa, de uma cosmogonia – supostamente – possível.

Mencionei lacuna; falha e perplexidade em relação aos limites do saber do analista. Gostaria de adicionar “desconforto” também, pois é o melhor jeito de descrever o que sinto quando penso no uso de jogos de palavras no setting. Eu fui um dos dois analistas sorteados para serem supervisionados da sala no quinto ciclo. Uma das questões que levei pra supervisão foi precisamente um jogo de palavras.

Gabriela, a analisante, falava durante uma sessão sobre a dificuldade de lidar com a sua auto-cobrança no contexto da faculdade de Engenharia de Minas, onde ela cursava o último ano. Ao escutar seu discurso sobre a faculdade, me ocorreu o comentário de um colega na supervisão da semana anterior. Ele dizia que se a profissão é um sintoma, o que o curso de Engenharia de Minas dizia a respeito de Gabriela? “Mina, saca? No sentido de ‘menina’” – achei meio forçado, mas ele continuou – “E se ‘mina’ é menina, o que seria engenharia de meninas? Talvez a construção da mulher?”. Apesar do meu desconforto com jogos de palavras, confesso que essa elaboração era bastante engenhosa.

A ideia de que a menina passa por um processo de engenharia pra se tornar mulher, fez súbito sentido quando Gabriela fez uma pausa na sua fala pra comentar, enquanto coçava o braço esquerdo com a mão direita: “Tomar sol coça, né?”. Mas o que eu escutei foi “tomá só coça, é?”.

A transformação do verbo “coçar”, na terceira pessoa do singular, no substantivo “coça”, no sentido de “surra”, foi irresistível porque juntou alguns alguns fragmentos: de alguma forma, estava ali a ideia de que Gabriela estava levando uma “surra” (= “coça”) dela mesma, já que ela se cobra muito. Ao mesmo tempo, ela estava falando do curso de Engenharia de Minas, quer dizer, que o processo de deixar de ser menina (= “mina”) para vir a ser mulher estava difícil, tão difícil que parecia que ela tava levando uma “coça”. Intervi a partir desse segundo sentido perguntando: “Você se sente levando uma coça da vida?”. No lugar de franzir o cenho e perguntar “Oi?!”, ou de rir por causa do trocadilho bobo, Gabriela suspirou profundamente, respondeu “Tá foda...!” e passou a falar precisamente sobre questões difíceis da vida adulta, indicando que a interpretação, a partir de um jogo de palavras, foi pertinente.

Quando apresentei esse fragmento do caso para supervisão da sala, um colega achou interessante a intervenção, mas questionou: “Será mesmo que ela quis dizer isso?”. Seguiu-se uma discussão acalorada que, por um mecanismo coletivo de livre associação, levou o discurso algures. Não vou seguir a turma, no lugar disso quero tentar responder a pergunta do colega.

A resposta para “Será mesmo que ela quis dizer isso?” começa com outras perguntas: “Ela” quem, cara pálida? Quem formulou a frase, afinal de contas? E antes, ainda: a qual frase

estamos nos referindo? Sim, pois temos aí duas frases circulando: “Tomar sol coça, né?” e “Tomá só coça, é?”.

Fui tomado por um forte estranhamento quando escutei a possibilidade de uma frase na outra. A seguir fiquei surpreso quando me vi devolvendo pra ela o mesmo significante (= “coça”) atrelado a outro significado (= “surra”). E o que era surpresa virou uma espécie de “*Aha-Erlebnis*” quando ela acolheu com toda a naturalidade do mundo as suas próprias palavras absolutamente distorcidas por mim. Acolheu como se dela fosse e deu continuidade ao seu discurso. Não o mesmo discurso, mas um claro desdobramento do anterior. Talvez seja mais exato dizer que é o mesmo discurso, e que a intervenção possibilitou que ela mudasse o foco, o tema, o assunto de que estava tratando, mantendo-se, entretanto, nos limites de um contexto maior. O fato dela acolher a distorção é o único critério que me permite dizer que alguma coisa circulou nesse mal-entendido, nesse nosso equívoco comunicacional.

E “circulou” é a palavra possível para descrever os três tempos: no primeiro tempo, estamos eu e ela construindo um campo semântico exclusivamente nosso, ao longo de várias sessões. Existem temas que surgem no setting, alguns desaparecem, outros persistem (assim como palavras, expressões idiomáticas e gestos). Seja porque ela os traz repetidamente (às vezes com roupagens diferentes), seja porque eu escuto – e destaco – no discurso que circula alguns outros “equívocos”, “estranhamentos”, “mal-entendidos”. Alguns prosperam mais, outros menos, a maioria morre na praia. Trazemos de fora do setting um código linguístico que dá para cada palavra um leque mais ou menos restrito de possibilidades de entendimento, de significação. É de cada singularidade privilegiar algumas possibilidades de significação em detrimento de outras. É nessa diferença, nesse deslocamento relativo de sentidos e significados, enquanto a palavra circula entre ela e eu, que afloram esses mal-entendidos. A sobreposição de possibilidades de significação é o nosso chão comum, a partir de onde é possível, ao mesmo tempo, nos comunicar sem grandes percalços e estranhar alguma coisa no discurso do outro. O que desliza para muito longe desse chão comum não é percebido. Ou antes, é percebido como sem sentido, talvez nem seja escutado. Não faz eco no interlocutor.

Isto já é o segundo tempo: Gabriela formulou uma frase, construiu um discurso endereçado a mim, ou melhor dizendo, ao seu analista. Ela pressupõe que a frase é código: joga no meu colo o verbo “coçar” na terceira pessoa do singular, e ainda reforça esse sentido esfregando os dedos da mão direita no antebraço esquerdo. Mas Gabriela não sabe como eu vou escutar o que ela me diz. Sem dúvida, escuto dentro do código: eu sei que “coça” é a conjugação do verbo “coçar” na terceira pessoa do singular. O que eu não sei é porque esse significante deslizou, na minha escuta, para outra significação e se transformou no substantivo

“coça”, sinônimo de “surra”. Certamente é possível traçar a cadeia de associações que levou o verbo a se transformar no substantivo, bem como é possível verificar por que ela interrompeu o que estava dizendo para fazer o gesto e dizer a frase, mas isso seria uma tentativa de organizar a clínica a partir da teoria.

O enlace se completa só no terceiro tempo, quando eu devolvo o significante e ela o acolhe: ela lançou uma comichão na pele e recebeu de volta uma surra.

Por que ela aceitou a surra? Porque a surra já estava circulando no campo semântico comum à dupla. O significante (“coça”, substantivo) sintetiza, amarra fios soltos, dá sentido para elementos discursivos inconclusos, fragmentados, desligados de representações claras, mas ainda assim presentes ali no setting. A auto-cobrança, a magnitude da tarefa de virar gente grande, a complexa questão de ser mulher, tudo isso está no campo semântico que construímos no primeiro tempo, e que nesse momento fica organizado, adquire um sentido claro e possibilita, inclusive, uma representação imagética: amadurecer é uma briga, e Gabriela tá apanhando.

Voltando à pergunta do colega na supervisão, “será que ela quis dizer isso?”, eu diria que a pergunta tá olhando pro lugar errado. A ênfase da questão recai sobre o verbo “querer”, pressupondo uma manifestação da vontade dela e, mais do que isso, pressupõe que o analista pode escutar certo ou errado, se o que ele escutou coincide com o que a analisante realmente quis dizer ou não. Gostaria, entretanto, de deslocar a ênfase da pergunta para o “ela”. Quem é “ela”? “Ela” é do imaginário. “Ela” é o Eu especular onde o sujeito está alienado. “Ela” corresponde ao enunciado, às coisas que são ditas segundo uma vontade (não exatamente segundo um desejo, veja bem).

Mas isto não esgota o sujeito, não o encerra. Muito ao contrário: o sujeito é linguagem, portanto circula e está espalhado no setting, muito além do corpo. E o analista, ele mesmo algo que vai além do seu contorno imaginário, também está espalhado no setting – não exatamente do mesmo jeito (mas isso fica para outra ocasião). É esse espalhamento duplo, que se sobrepõe ao campo semântico construído sessão a sessão, que me permite escutar para além do discurso do “ela”, para além do que é enunciado. O discurso do sujeito desejante, a enunciação, o que não é falado mas está dito, isso somente se dá no enlace com o outro, no caso, o analista. Esse outro que escuta é condição necessária para que haja um sujeito desejante. Dessa forma, perguntar se “ela queria dizer isso”, ou seja, se ela quis dizer o que é da enunciação, parece sem sentido, uma vez que é na escuta que acontece a enunciação. Ou melhor: a possibilidade da enunciação está na escuta. Sem a escuta não há enunciação,

apenas enunciado. A enunciação não acontece nem lá, nem cá, mas no laço entre analisante e analista.

1º Semestre 2019

Ciclo VI

Aluno: Nathalia Botura de Paula Brennecke

Título: SAUDADE: A JORNADA ENTRE O LUTO E A ESPERANÇA. PSICANÁLISE E LÍRICA DA AUSENCIA



*Sorria e entristecia num instante,
Como se lhe tocasse, ao mesmo tempo,
O crepúsculo da tarde e do levante. (...)
A saudade o alegrava e o entristecia ...
É que ela faz a dor e o prazer,
Como a mesma luz faz a noite e o dia...*

(Belo, Teixeira de Pascoaes, 1896)

1. Manifestação do tema

AUSÊNCIA

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.*

*A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.*

Carlos Drummond de Andrade

O poema de Drummond é uma ode à ausência, esse trabalho, de certo modo, também.

São tantos os modos de viver a falta que me parece impossível escolher uma fatia única para capturar essa matéria. Optei, então, por falar daquilo que me atravessa com a ajuda generosa de poetas que vocalizam tal experiência humana. Vali-me de um cortejo de músicas e poemas, afinal, saudade tende a falar a língua da poesia. Também vasculhei brevemente os espectros de Saudade em diferentes culturas.

Talvez, não caiba a nós “lastimar” a falta, como diz o poeta. Cabe a nós vivê-la no corpo; atravessá-la e por ela nos deixar atravessar.

Escrevo sobre saudade, pois sendo meu último ciclo no CEP, sei que ela vai comparecer em mim a partir do ano que vem. Ao longo dessa travessia psicanalítica, fiz amigos muito queridos com os quais multipliquei alegrias e dividi tristezas. Cícero, em “Lélio ou a Amizade”, diz que observar um verdadeiro amigo significa “observar alguma versão de si mesmo”. De fato, eles nos dizem quem somos. E além da saudade fraterna, há outro motivo para a escolha do tema:

Desde março de 2018 moro com ela. Dividimos a casa, os afazeres, os filmes, os livros, as canções e o silêncio. A saudade é uma presença. Companheira de feições híbridas, indefinidas. A saudade sentida nasceu dessa “lírica cotidiana”, nas coisas que pulsam no instante, nos objetos, na memória, no gesto, no som, no gosto.

Não farei um exercício de confessionalismo sentimental, mas também evitarei uma teorização estéril. Apostarei no ponto médio, ou como queria o filósofo Karel Kosik: no “concreto pensado” do sentir.

Admito que, para o trabalho deste ciclo, comecei esboçando um texto sobre a clínica das psicoses. Não foi possível terminá-lo. O tema da Saudade retornava, e retornava. Resolvi ser dócil ao

convite da pulsão e vasculhar meus confins. Demorei a finalizá-lo – menos por questões concretas e bem mais por questões, digamos, psicanalíticas. E cá está ele, finalmente!

Acredito que os arremessos íntimos são bons modos de se escrever sobre Psicanálise com mais veracidade. Freud nos convidou a tal empreitada quando decidiu analisar seus próprios sonhos. Tenho me encorajado ao mesmo, e é por isso que estes escritos são animados pelo meu momento e por minhas dúvidas.

Ocorre que, nesse ano, minha rotina ganhou nova plástica: vivo fisicamente longe do meu marido por circunstâncias da vida profissional. E a tal da Saudade tem habitado os dois corações como um labirinto turvo de dor e prazer, como se a memória presentificasse e trouxesse à superfície aquilo que o olhar deixa perder.

Proust, nos lança uma questão crucial: no amor, “não seria a ausência a mais eficaz, intensa, indestrutível e fiel das presenças?”¹⁶

2. Etimologia do indizível

Saudade é uma palavra que se ambiciona única da nossa língua, como se fosse um verbete “inequívoco” a nenhum outro. Uma espécie de “falo” lexical dos falantes de língua portuguesa, patrimônio sentimental que seria exclusivo dos lusitanos e dos países que foram colonizados por Portugal. Há controvérsias!!!

Fato é que, desde que optei pelo tema, tenho conversado sobre a Saudade com amigos cujas línguas maternas são e não são o português, além de ter feito enquetes com artistas, familiares, poetas, psicanalistas e, sobretudo, com aqueles de quem sinto Saudade. Cheguei à conclusão de que o termo e o sentimento são polivalentes, e é um mito dizer que a palavra saudade seria intransponível ao mundo lusófono.

Mas que Saudade em si é luminosa, com seu “s” sibilante, haa...como é! Saudade tem pleno sabor e vale degustá-la :

¹⁶ Contardo Calligaris tem uma tese interessante que articula celibato e saudade: “Há homens e mulheres que podem persistir no celibato porque **deixar saudade e fazer falta é prazeroso e certamente menos arriscado do que estar lá a cada dia**. Eles pensam: “Melhor ser o parceiro com quem o outro lamenta não se ter casado do que ser o parceiro com quem ele lastima ter se juntado”. De fato, nos instantâneos que imortalizam encontros breves que parecem prometer futuros radiosos (e irrealizados), a gente é  sempre mais bonito e sorridente do que nos longos *reality shows* das convivências conjugais.” (Extraído do texto “Charmes do Celibato”, Coluna da Folha, 22 de outubro 2009)

SOLITATE, SUIDADE, SOEDADE, SOIDADE... SAUDADE

Em estudo exploratório da palavra, nos campos histórico-etimológico, observa-se a possibilidade de uma origem no Latim e outra no Árabe. A tese de origem latina é a mais aceita entre os filólogos, etimologistas e historiadores.

O vocábulo, oriundo do termo latino **Solitate, Solitas (solidão)**, teria sofrido metaplasmos (transformações fonéticas) nos falares cotidianos do Latim Vulgar pela população da Península Ibérica, forjada a partir do aldeamento cultural.

Solitate, Solitas: significa “desamparo”, “abandono”, “deixação” resulta no “desejo de um bem do qual se está privado”.

Já a tese de ser de origem árabe, baseia-se nas expressões **Suad, Saudá e Suaidá** que significam sangue pisado e preto dentro do coração, metáfora de profunda tristeza. Os árabes também usam o termo **as-saudá** para definir uma doença do fígado, diagnosticada como uma espécie de melancolia do paciente (SILVA, 2009, p.898).

Gosto da ideia de que essas teorias possam ser complementares, como se a palavra Saudade fosse fruto da fusão dos termos árabes e latinos, amalgamados semanticamente. Do latim, herdar-se-ia o caráter de solidão da saudade. Do árabe, seu verniz melancólico.

“Estou só e sonho saudade”, “uma angústia de fuga do tempo e uma **doença do mistério da vida**”, como diz Fernando Pessoa.

E por falar no grande poeta português, vale lembrar que a palavra Saudade tornou-se historicamente, na formação de Portugal, forte elemento de identificação, patrimônio cultural do mundo lusitano.

O Fado (*fatum*, do latim - destino), arte musical de canção terna e dolente, é a maior expressão da Saudade portuguesa: uma *performance* dramática das sensibilidades, uma espécie de apoteose da Saudade, afinal, os portugueses tem o dom de carnavalizar a tristeza como ninguém. Os temas mais cantados no Fado são a saudade, a nostalgia, o ciúme e as pequenas histórias do cotidiano.

Além das questões semânticas em si, vale um exame breve acerca da lírica, do desejo, do luto e do gozo que gravitam ao redor desse sentimento. **Saudade jamais será um afeto plano, unívoco.**

Ela é **jornada ambígua**: uma tênue sensação de gozo ácido do que se sentiu e do quê e de quem se ama. Saudade é fome, como diz Antônio Vieira: “Onde o ausente é comida, e as saudades são fome”.

Sabemos que a saudade é bem menos cerebral do que se pensa. Sendo a ela um afeto, é sentida no corpo. Ressurge num gosto, num som, num cheiro:

*Ainda tem o seu perfume
Pela casa
Ainda tem você na sala
Porque meu coração dispara?
Quando tem o seu cheiro
Dentro de um livro
Dentro da noite veloz*

(Vambora - Adriana Calcanhoto)

Como sofremos dela, como a acolhemos, como a enfrentamos e como gozamos nossa Saudade relevam nosso modo de lidar com a falta e com o desejo. Curioso pensar que é possível sentir saudade de alguém que está ao nosso lado.

E é exatamente a Psicanálise o campo que, por excelência, define o ser humano pela experiência existencial da **falta: uma espécie de saudade em estado puro.**

3. *Das Ding* : saudade do que nunca houve

Das Ding é, para Freud, o objeto perdido, a coisa comandada pelo princípio do prazer, que se forma na rede das representações. Portanto, vivemos incessantemente nossa existência na busca de algo jamais alcançável: *das Ding*. Essa revelação nos coloca na condição inescapável de falta radical, falta da Coisa, traço originário que marca nossa humanidade. Tal marca inaugura o humano: uma Saudade atávica e crônica.

A *Coisa* para Lacan é o elemento primeiro e estranho às leis que regem o consciente. É, sobretudo, exterior ao campo da linguagem, mas, paradoxalmente, trata-se do exterior mais íntimo do qual se pode ter notícia - êxtimo. Há ato de criação gerado a partir do vazio; e *das Ding* é o epicentro das representações inconscientes, o “êxtimo” primordial.

Nesse sentido, Fernando Pessoa nos ajuda nessa compreensão, afinal, como diz Freud, os poetas “são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós (...)”¹⁷. Diz Pessoa: “Ah, não há saudades mais dolorosas do que as das coisas que nunca foram!”

É como se fosse possível sentir saudade daquilo que nunca vivemos, das pessoas que deixamos passar, dos amores jamais vividos.

Quem nunca?

¹⁷ Sigmund Freud, *Delírios e sonhos na Gradiva* de Jensen, trad. Maria Aparecida Moraes Rego, Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 18.

4. Luto e Melancolia

Cabe aqui uma breve distinção entre **luto e melancolia**. A melancolia é uma recusa a entrar no processo do luto com vistas à superação. Assim, a vida torna-se impraticável. Há diminuição extraordinária da autoestima, “um empobrecimento de seu ego em grande escala”.

No luto já é possível, em certo sentido, superar a perda e depois de um tempo, interessar-se de novo por pessoas e lugares, novas expressões. No luto acontece um renascimento dos investimentos de objeto e da libido que se dirige ao mundo. Já na melancolia há perda de si, desautorização de si (e do outro). O ego se enfraquece e se esvazia.

O luto é o preço que se paga por amar.

O luto de pais que perdem seus filhos tende a envolver, naturalmente, um longo processo de isolamentos, integrações e recombinações diversas para se estar no mundo.

Chico Buarque conseguiu capturar o luto e a saudade nos versos de uma canção dedicada a Zuzu Angel, cujo filho fora assassinado pela ditadura civil-militar no Brasil:

***Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu***

(Pedaço de Mim - Chico Buarque)

Nesse sentido, a Saudade mais comum seria equiparável ao luto de um tempo que foi, ou que será.

***Hoje sou a saudade imperial
Do que já na distância de mim vi...
Eu próprio sou aquilo que perdi...
(Fernando Pessoa)***

5. Sehnsucht e Saudade : a falta imensa e o exílio

“A forma como a gente fala do sofrimento muda a forma como a gente sofre. Cada vez que a gente dá um nome para um mal estar, ele vira sofrimento”, afirma o psicanalista Christian Dunker.¹⁸

¹⁸ O psicanalista Christian Dunker, no Café Filosófico de 2012, tratou das “**Transformações do Sofrimento Psíquico**”, fazendo um panorama histórico dos últimos 100 anos. É preciso entender o sofrimento humano no tempo e espaço, pois cada época e cada lugar têm seu modo de sofrer. À medida que o mundo se transforma, novos olhares são lançados sobre os

É sabido que as línguas descrevem de diferentes formas a realidade e os sentimentos. Cada povo vê os fenômenos do mundo e os interpreta de forma dessemelhante, conforme as estruturas de sua cultura, pensamento e língua. Tudo isso se reflete tanto no aspeto semântico- gramatical quanto no aspecto psíquico.

São muitas as formas de nomear o que nós, falantes de língua portuguesa, entendemos por Saudade.

Sehnsucht e Saudade são sentimentos essenciais para a identidade cultural alemã e portuguesa respectivamente.

Sehnsucht diz respeito a um substantivo alemão traduzido como "anseio" ou "desejo" ou, em sentido mais amplo, um tipo de "falta intensa". A palavra é de difícil tradução por descrever um estado emocional profundo. Não raramente é traduzido por Saudade, ainda que a tradução não consiga encapsular o sentido com exatidão.

Trata-se de uma palavra composta¹⁹: **Sehn - ansiar, desejar e Sucht - vício, dependência**, embora exprima falta e nostalgia, se diferencia por também significar o desejo por algo futuro, e carrega a ideia de um elemento sublime e específico, afirmado por discursos que deixaram as suas marcas na memória coletiva dos alemães.

Em *Sehnsucht e Saudade: para uma história comparada do Pathos*, Madureira cita Nietzsche para afirmar que o psiquismo alemão surge dessas camadas sobrepostas:

“Como povo resultante da mais monstruosa mistura e confusão de raças, talvez mesmo com o peso excessivo de um elemento pré-ariano, como «povo intermédio» em todos os sentidos da palavra os alemães são mais inapreensíveis, mais amplos, mais contraditórios, mais desconhecidos, mais imprevisíveis e surpreendentes, são até mesmo mais assustadores do todos os outros povos: escapam a qualquer definição (...). A alma alemã tem em si caminhos e atalhos, há nela cavernas, esconderijos e masmorras; a sua desordem tem muito do atrativo do mistério; **o Alemão conhece os caminhos tortuosos em direção ao caos. Sente como «profundo» tudo o que é incerto, mal formado, periclitante e está em crescimento**” (Nietzsche, *Jenseits von Gut und Böse* (Grifo meu) *apud* Madureira 2008, p.76)

E assim nasce a dimensão da saudade alemã, contemplando: 1. *concepções utópicas de desenvolvimento ideal*; 2. *sensação de incompletude e imperfeição da vida*; 3. *tempo conjunto de passado, presente e futuro*; 4. *emoções ambivalentes (ou agridoces) de grande riqueza simbólica*;

sofrimentos. Dunker ainda traz a ideia de que **o sofrimento psíquico está relacionado também ao nosso modo de expressão, a maneira como conseguimos ou não falar sobre ele.**

¹⁹ *Sehnsucht*: *sehn*- ansiar, desejar e *sucht*- vício. Os alemães também dispõem da palavra *Heimweh* (*Heim*-casa, lar, país e *weh* - sentir dor). Há também a palavra *Fernweh* (*Ferne*- distância e *weh* - sentir dor).

Pode-se dizer que *Sehnsucht* representa pensamentos e sentimentos de caráter inacabado ou imperfeito, pautados por uma vontade de experiências alternativas ideais. Tal afeto pode ser referido como **anseios da vida, busca profunda** de um indivíduo para a felicidade ao lidar com a realidade de desejos inatingíveis. *Sehnsucht* ²⁰ carrega sentimentos positivos e negativos, é ambivalente por excelência.

Para os românticos, *Sehnsucht* simbolizava uma metafísica imprecisa no fazer poético que não se restringia ao “encontrar algo”, mas também à busca de realização no futuro.

Já na realidade discursiva portuguesa, o exílio e a expansão marítima são experiências que pautaram o **sentimento identitário da Saudade**. Em Portugal, a emigração, o afastamento, a constante partida e as navegações compuseram essa química subjetivadora que resulta na *Saudade Lusitana*.

Assim como a palavra *Sehnsucht* denota um lugar emocional para o povo alemão, a representação portuguesa da Saudade parte de uma dor aportada no sentimento da pertença ao lugar: **exílio**.²¹

Em *Saudade - Da Poesia Medieval à Fotografia Contemporânea, o Percurso de um Sentimento Ambíguo*, Samuel de Jesus trabalha com vocábulos correspondentes em outros idiomas, às vezes com a polifonia confusa de palavras ²²:

Dor (romeno) - Desejo intenso de rever algo ou alguém, mas com uma dimensão mais física (a nossa dor, em romeno, se chama "durere")

Spleen (inglês) - A palavra, que significa baço e no romantismo foi associada à melancolia, está mais próxima da saudade do que o "to miss", sentir falta. Saudade, por vezes traduzida por *longing*.

Regret (francês) - Espécie de nostalgia, mas mais usada no sentido de arrependimento, lamento.

Extrañar (espanhol)- Sentir falta, sentir saudade, alienar-se de algo ou alguém.

Os estudiosos de teoria literária afirmam que os brasileiros cantam poeticamente a saudade de um modo diferente dos portugueses. Enquanto a saudade lusitana presta contas à jornada d'álém-

²¹ "**Canção do Exílio:** " *Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá* ". Trata-se de uma poesia romântica de Gonçalves Dias escrita em 1843, primeiro momento do Romantismo no Brasil. Poesia amplamente estudada e lida nas escolas brasileiras. Valendo-se dos advérbios “lá, cá, aqui”, Gonçalves Dias canta a saudade de sua terra. Esse poema é uma obra de arte que engendra o sentimento de exaltação de nossas belezas, a ponto de ter sido reciclado no Hino Nacional Brasileiro (no trecho "Nossos bosques têm mais vida; Nossa vida em teu seio mais amores")

²² A frase “Tenho saudade de você” pode ser vertida em variadas expressões verbais: Te extraño (castelhano); Ich vermisse dich (alemão); I miss you (inglês); Tu me manque (francês).

mar, do exílio e da partida, nossa saudade brasileira seria ingenuamente otimista: uma saudade de devir, forjada em pesadas promessas de futuro.

Um espectro frustrado de futuro que cinicamente nos sorri e que teima em nos assolar.

Somos o tal país do futuro de Stefan Zweig²³. Somos o lugar do sonho dos colonizadores.

Até quando padecerá o Brasil dessa saudade do futuro, de Devir esperançoso que nunca chega? Um eterno tornar-se.

O livro *Hello, Brasil e outros ensaios: Psicanálise da estranha civilização brasileira* responde a essa pergunta com uma espécie de convocatória antropológica: precisamos enfrentar o colono e o colonizador que existe dentro de nós.

Reproduzo aqui, uma passagem emblemática:

“O colonizador goza de poder da sua língua e do seu nome (usurpados) sobre a nova terra e o colono, privado de nome e de título, chega ao país na **esperança** de conquistar um nome trabalhando uma terra que ainda não é sua”. (CALLIGARIS, 2017, p.151)

Pergunta urgente em tempos tão sombrios de assujeitamento político:

Essa *terra brasiliis*, de fato, é nossa?????

(E, por falar em terra ...)

6. Banzo africano : a Saudade da liberdade, fundadora do Brasil

Banzo (do quimbundo mbanza, "aldeia") carrega várias acepções:

1. Sentimento de melancolia em relação à terra natal.
2. Sentimento de horror ante a privação da liberdade sofrida pelos africanos escravizados.
3. Prática de resistência aos maus tratos e ao trabalho forçado.
4. Mortes voluntárias entre os escravos que padeciam física e psiquicamente face ao desgosto e aos castigos excessivos impostos pelos senhores.

O suicídio entre escravos era duas ou três vezes mais elevado do que entre homens livres e pode-se ser atribuído ao *banzo*. A prática do banzo, além de levar ao suicídio, através da greve de fome, também é relacionada às práticas abortivas; às fugas individuais e coletivas (formação de quilombos) e à **geofagia**, suicídio por ingestão de terra.

²³ “**Brasil, País do Futuro**” (*Brasilien: Ein Land der Zukunft*), obra do austríaco Stefan Zweig, que no final da metade do século XX radicou-se na cidade fluminense de Petrópolis, fugindo do nazismo.

A geofagia é um significante que nos interessa também como chave de análise no Brasil contemporâneo. De fato, este Brasil tem comido vorazmente de sua própria terra num verdadeiro ato suicida. É imenso seu potencial autodestrutivo que acaba por “ingerir” a todos e todas nós.

Sentimentos e atitudes correlatas ao banzo são observáveis no aumento vertiginoso de suicídio entre os indígenas brasileiros. Sendo eles os povos originários, nossos indígenas são ironicamente os expatriados que continuam habitando a mesma terra, porém com uma territorialidade difusa, excludente e perversa.

Atualmente, a palavra “banzo” ganhou novas conotações mais brandas nos estados da região norte e nordeste do Brasil, banzo também é usado de forma irônica para designar uma melancolia injustificada, sinônimo de “choramingo”. Uma das aplicações no linguajar tradicional é àquela sensação de cansaço ou sono pós- almoço, ou seja, vontade de nada fazer.

6. Terra Nostra : a propaganda da Saudade

Por ser bisneta de imigrantes italianos, convivi com uma afeto nostálgico constante em relação à “ Terra Nostra”. Lembro-me de minha avó dizendo que, na verdade, nosso país de amor era a Itália, que “*nostra gente (italianos) era “raça” boa, tutti lavoratori, tutti bona gente*” com seu português embebido em italianismos. Aquilo me soava bizarro: como se o Brasil fosse, de fato, uma passagem pouco sedimentada na história da família. O país do equívoco, do sonho falido, da promessa não vingada, um erro de percurso no meio do Atlântico.

Para minha avó, no fundo, os brasileiros são os outros, e “nós” seríamos italianos. Não bastasse, estando na casa da *nonna* torcia-se para a Itália durante a Copa ! Para alguém que se sente confortavelmente feliz por ter nascido no Brasil, esse discurso sempre me pareceu uma afronta. Mas, pesquisando as origens da nostalgia dos colonos, é possível entender seus ruidosos ais.

Curioso desvendar que esse tipo de nostalgia latejante do imigrante italiano também foi engendrado por uma propaganda. O governo fascista de Mussolini intencionava dar impulso à propaganda do regime na América do Sul. Como? Vejamos:

Sob patrocínio cultural de Gabriele D’Annunzio, o navio *Itália - pedaço da Pátria* foi transformado numa espécie de exposição industrial flutuante e móvel dos produtos italianos- de rendas a tanques. Era uma exposição de afeto, memória e promessa. O navio *Itália* desempenhou sua missão geradora de saudade ao longo da costa brasileira entre fevereiro e maio de 1924.

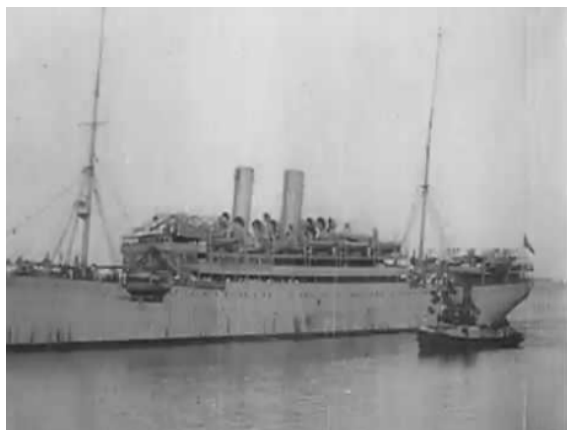
Percebeu-se que, em termos propagandísticos, o fato de estar levando um pedaço da Itália para o outro lado do Atlântico mesclava o fator emotivo e cenográfico. Essa pátria flutuante

sensibilizava as lembranças da terra natal, seja dos imigrantes ou de seus filhos já nascidos no Novo Continente.

Ocorreu-me agora um trecho famoso da canção-abertura da novela *Terra Nostra* que tematizava exatamente a saga dos colonos italianos:

Dove sei, la fantasia / La nostalgia, la mia mania! (Onde está a fantasia, a nostalgia, a minha mania?)

Ficou mais clara para mim a sanha nostálgica de minha avó, essa mania de Itália : de suas massas, de seus santos, de suas dores.



Fotografia do rei Vittorio Emanuele III. O navio Italia, antigo König Albert, sob o comando do Conde Carlos Grenet e com o embaixador italiano Giovanni Giuriati, entrando no porto de Rio Grande, no dia 2 de maio de 1924: convidados e grupos de reservistas italianos para a sua recepção; populares e autoridades.

7. Objetos transicionais da Saudade

Ao ensejo das fotos acima, vale tratar da importância dos objetos transicionais na e da Saudade.

Freud afirma que “originalmente, a ansiedade que experimentam as crianças não é senão a expressão de seu sentir ante a perda da pessoa amada”. Assim, o objeto transicional é um mediador entre mãe e filho, eu e não-eu, mundo interno e mundo externo. Winnicott diz que o objeto transicional ocorre entre os seis meses e um ano de idade, às vezes até mais tarde, dependendo da criança.

A mãe suficientemente boa deve permitir esse objeto e através dele a criança passará de um estado de ilusão para um estado de desilusão. Para que exista um desenvolvimento do processo de separação- individuação é necessário a existência de um objeto transicional em sua forma saudável como um “acalmador”.

Desse modo, é mais importante que o objeto transicional seja permitido em toda a sua plenitude e sem interrupções. Ele é fruto de projeções e identificações, e através desses mecanismos o sujeito encontra algo seu no objeto. Num ambiente sadio, o sujeito vai amadurecendo até que consiga destruir o objeto, ou seja, o objeto passa a se tornar algo externo. A atitude da criança ao acariciar o objeto será semelhante à de sua carícia em sua mãe. Geralmente, o objeto escolhido é macio, flexível, e o odor tem muita importância. Daí a maioria das crianças não aceitarem que se troque de objeto (por exemplo, sujo por limpo). O cheiro talvez represente o cheiro da mãe, um cheiro estável e duradouro.

Ocorre que também são comuns os objetos transicionais para adultos tomados pela saudade: fotografias, peças de roupas íntimas usadas, pijamas surrados nunca lavados, uma flor seca entre as páginas de um livro, livros, travesseiros, perfumes, enfim. Eternas crianças... somos!

8. Fotografias: monumentos da saudade

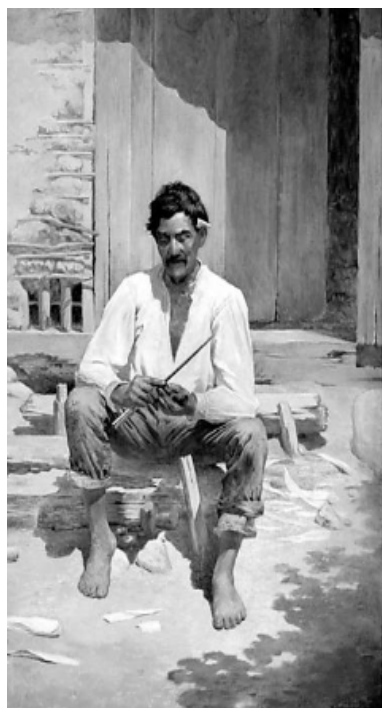
"O ato fotográfico é um gesto que inicia uma saudade, porque suspende um instante para perpetuá-lo. De certa forma, toda fotografia é um monumento à saudade", diz Augustin de Tugny, professor de belas artes da Universidade Federal do Sul da Bahia, que assina a apresentação do estudo.

Em suas próprias raízes, Samuel de Jesus descobriu na prática o impacto da saudade na fotografia. Ele conta que, anos atrás, ao entrar no sótão empoeirado da casa da avó, deparou com uma pilha de fotos. Numa delas, uma menina de dez anos chamou a sua atenção - era sua mãe.

Algumas fotos presentes no livro de Samuel de Jesus:







9. A simbolização criativa da Saudade

Chego ao fim desse trabalho com a estranha sensação de que a Saudade é a ambivalência das ambivalências – “um mal, de que se gosta, e um bem, que se padece”. Ao fazer essa anatomia

do “luto da saudade” cravada pelo registro de espaço e tempo de um objeto perdido, talvez só nos reste mesmo encarar a Saudade a partir de um **acordo com o tempo**. Um tempo *Cronos* no qual esse afeto vigoroso (de pertença ao lugar original ou de culto da memória amorosa) ganhe apaziguamento íntimo e certa fluidez psíquica.

Ou então, que vire Poesia mesmo... simplesmente “para sentir o mundo e seduzir a vida”.

***Cantando a gente inventa.
Inventa um romance, uma saudade, uma mentira.
Cantando a gente faz história.
Foi gritando que eu aprendi a cantar: sem nenhum pudor, sem pecado.
Canto para espantar os demônios, para juntar os amigos.
Para sentir o mundo, para seduzir a vida.***

Cazuza

Valeu CEP!

Bibliografia

- CALLIGARIS, C. **Charmes do celibato**, Folha de São Paulo, 2009
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2210200917.htm>. Acesso em 13 de maio de 2018
- CALLIGARIS, C. **Hello, Brasil e outros ensaios: Psicanálise da estranha civilização brasileira**. Três Estrelas, 2017
- Documentário: **Saudade** <https://www.youtube.com/watch?v=t17jGq6Dwjl> Acesso em 13 de maio de 2018
- FREITAS, M. S. P.; LOURENÇO, S. C.; PITTA, S.C. **Saudade: um estudo etimológico**. Unifal em Pesquisa URL: <http://www.italo.com.br/portal/cepesq/revista-eletronica.html>. São Paulo- SP. Acesso em 13 de maio de 2018.
- JESUS, S. **Saudade - Da Poesia Medieval à Fotografia Contemporânea, o Percorso de um Sentimento Ambíguo**. Autentica, 2015
- MADUREIRA, D.A. **Sehnsucht e Saudade: para uma história comparada do Pathos**. Universidade do Minho. Tese de doutoramento em Ciências (ramo de conhecimento em Literatura Comparada) 2009. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9874> Acesso em 10 de maio de 2018.
- SAFAMONDE, C. **A importância do objeto transicional no desenvolvimento psíquico sadio**. Dissertação, 1981
- SILVA, D. **De onde vêm as palavras**. 16ª edição. Novo Século. São Paulo, 2009.
- Kotter-Grühn, D.; Wiest, M., Zurek, P., & Scheibe, S. (2009). «What is it we are longing for? Psychological and demographic factors influencing the contents of Sehnsucht (life longings)». *Journal of Research in Personality* (43): 428–437